

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CURSO SUPERIOR DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ROSILENE DA SILVA ROCHA UHLICH

OS DESAFIOS DA INDISCIPLINA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Colatina

2020

ROSILENE DA SILVA ROCHA UHLICH

OS DESAFIOS DA INDISCIPLINA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenadoria do Curso de Licenciatura em
Pedagogia do Instituto Federal do Espírito Santo –
Campus Itapina, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. MSc. Adriano Ramos de Souza

Colatina

2020

(Biblioteca Professor Elias Minassa do Instituto Federal do Espírito Santo – Bibliotecária Débora do Carmo de Souza)

U31 Uhlich, Rosilene da Silva Rocha.
d

Os desafios da indisciplina no contexto da educação infantil / Rosilene da Silva Rocha Uhlich – 2020.
60 f.; il.; 30 cm

Orientador: Adriano Ramos de Souza.

TCC (graduação) – Instituto Federal do Espírito Santo, Curso Superior Licenciatura em Pedagogia.

1. Indisciplina. 2. Contexto pedagógico. 3. Educação infantil. I. Uhlich, Rosilene da Silva Rocha. II. Souza, Adriano Ramos de. III. Instituto Federal do Espírito Santo. IV. Título

CDD 370

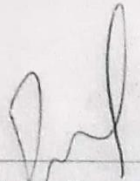


MINISTERIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR
INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CAMPUS ITAPINA
Rodovia BR-259, Km 70, Zona Rural, Colatina, CEP 29709-910
Tel (27) 3723-1221 Fax (27) 3723-1244

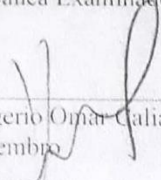
CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

AUTORA: Rosilene da Silva rocha Uhlich
ORIENTADOR: Adriano Ramos de Souza

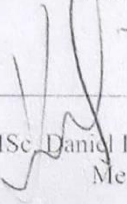
Aprovado pela Banca Examinadora como parte das exigências do componente curricular de Trabalho de Conclusão de Curso, para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia pelo Instituto Federal do Espírito Santo, *Campus Itapina*.



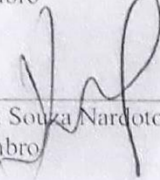
Prof. MSc. Adriano Ramos de Souza
Presidente da Banca Examinadora




Prof. Dr. Rogério Omar Caliani
Membro



Prof. MSc. Daniel Louzada Casteluber
Membro



Prof. MSc. Cláudia Souza Nardoto
Membro

Colatina (ES), 16 de  de 2020.

Dedico esse trabalho à Deus que me deu forças para chegar ao fim, à minha família que me apoiou, aos meus pais que estiveram ao meu lado me dando forças. Ao meu marido que esteve comigo o tempo todo, me levando à noite, cuidando das nossas filhas. Dedico aos professores que estiveram comigo nessa caminhada que não foi fácil. Aos amigos que também fizeram parte dessa jornada, e ao Ifes que me permitiu, negra, condições financeiras baixas e filha de analfabetos chegar ao fim dessa caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos para: Deus, Orientador, Professores, Pais e Esposo.

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus.

Agradeço ao meu orientador Adriano Ramos por aceitar conduzir o meu trabalho de pesquisa.

A todos os meus professores do curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Itapina pela excelência da qualidade técnica de cada um.

Aos meus pais Jamiro e Maria que sempre estiveram ao meu lado me apoiando ao longo de toda a minha trajetória.

Ao meu esposo Tiago pela compreensão, cuidado com nossas filhas e paciência demonstrada durante o período do projeto.

Nesse caminho para a transformação de padrões,
Sentimentos e expressões, o elemento mais
Importante é que o ser humano esteja
Completamente receptivo ao outro.
Para senti-lo e aceita-lo incondicionalmente.
E só assim quando experimentarmos o desabrochar
Da vida em nós mesmos é que somos capazes de
Facilitar o processo de outras pessoas também.
A afetividade é a força que unifica, que constrói
E Reconstrói novos, e superiores tipos de
Relacionamentos e de comunicação
(CELANO, 2010, p. 145).

RESUMO

Este estudo é resultado de uma pesquisa bibliográfica, que aborda “Os desafios da indisciplina no contexto da educação infantil”. Constatou-se a necessidade de intervir no que se refere à indisciplina na Educação Infantil. Apresenta a temática através do olhar dos pensadores: Vygotsky (1998) e Wallon (1968). Tem como objetivo analisar e identificar a indisciplina de forma didática e pedagógica na educação infantil. A metodologia da pesquisa é bibliográfica e, por meio dela, constatou-se que a indisciplina na educação infantil se configura como um tema discutido na literatura e que precisa ser analisado dentro do contexto educacional. Este estudo retrata, ainda, a preocupação com o contexto educacional vigente e anuncia a necessidade urgente de uma nova postura pedagógica, capaz de levar o educador a construir novos paradigmas no modo a pensar e repensar sua prática, a fim de buscar estratégias que possam sanar os déficits educacionais no que diz respeito à indisciplina na Educação Infantil.

Palavras-chave: Indisciplina. Contexto Pedagógico. Educação Infantil.

ABSTRACT

This study is the result of a bibliographic research, which aimed at studying about "the challenges of indiscipline in the context of early childhood education". Through the research, it was identified the need for understanding and intervening with regard to indiscipline, that is, since early childhood education. We sought to understand the theme in the view of Vygotsky (1998) and Wallon (1968). This study aims to analyze and to identify the indiscipline in a didactic and pedagogical way in early childhood education. The research methodology is bibliographic and through it, it was found that indiscipline in early childhood education is configured as a topic discussed in the literature and that needs to be analyzed within the educational context. It also portrays the concern with the current educational context and announces the urgent need for a new pedagogical posture, capable of leading the educator to build new paradigms in the way of thinking and rethinking his practice, in order to seek strategies that can remedy the educational deficits in what concerns indiscipline in early childhood education.

Keywords: Indiscipline. Pedagogical Contexto. Early Childhood Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Revisão de literatura	14
--	----

LISTA DE SIGLAS

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino

LDBN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	CAMINHOS DA PESQUISA	12
2.1	O TEMA.....	12
2.2	OBJETIVO GERAL.....	13
2.3	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
2.4	DESENHO METODOLÓGICO	14
3	A PEDAGOGIA E A DISCIPLINA NO AMBIENTE ESCOLAR	16
3.1	O QUE É INDISCIPLINA?	16
3.2	INDISCIPLINA É A AUSÊNCIA DA DISCIPLINA?	22
4	A RELAÇÃO DA (IN)DISCIPLINA E A VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR	26
4.1	A PROPOSTA DE EDUCAÇÃO ESCOLAR	26
4.2	A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA COMO ATENUANTE DA (IN)DISCIPLINA	27
4.3	A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS	31
4.4	A PROPOSTA SOCIOINTERACIONISTA DE EDUCAÇÃO	32
4.4.1	Abordagem Interacionista de Vygotsky	34
4.4.2	Abordagem interacionista de Wallon	41
5	VYGOTSKY, WALLON E A (IN)DISCIPLINA ESCOLAR	49
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
	REFERÊNCIAS	56

1 INTRODUÇÃO

A educação escolar enfrenta o desafio de ensinar em uma perspectiva humanizadora, em uma perspectiva onde não há uma hierarquia de saberes, e as vivências dos educandos são consideradas relevantes dentro do processo de ensino e aprendizagem. Mas o que dizer e fazer em relação às experiências vividas nos tempos anteriores à escolarização que se materializam no ambiente escolar através da “falta de limites” e no desrespeito às regras? Dada essa provocação, faz-se necessário delimitarmos o que será entendido como “limites”. La Taille (1999) defende que os limites existem para serem superados.

[...] “limite” significa também aquilo que pode ou deve ser transposto. Toda fronteira, todo limite separa dois lados. O problema reside em saber se o limite é um convite para passar para o outro lado ou, pelo contrário, uma ordem para permanecer de um lado só (LA TAILLE, 1999, p. 12).

Considerando esse pensamento, o estudo assume como “limite” as “regras” estabelecidas no convívio escolar na educação infantil. A indisciplina será entendida como o “convite” a ultrapassar as “regras” de convívio social. Brandão (2002) ensina que a educação acontece dentro e fora da escola. Nesse sentido, é importante delimitar que o espaço didático pedagógico desse estudo está limitado à sala de aula, no contexto escolar da educação infantil formal.

Essa proposta justifica-se na desafiadora provocação: Quais alternativas as teorias nos apontam como superação da indisciplina didática pedagógica na educação infantil?

É importante frisar que o termo indisciplina didática pedagógica é entendido aqui como o comportamento que foge ao previsto e planejado/idealizado pelo professor, influenciando de forma negativa o de ensino o processo de ensino aprendizagem. Desse modo, na busca em responder a essa questão problema, optamos por uma revisão bibliográfica da literatura centrada em dois autores: Lev Semionovitch Vigotski (1998) e Henri Paul Hyacinthe Wallon (1968). O primeiro, um psicólogo russo que trouxe o conceito de que o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função das interações sociais e condições de vida. O segundo, um filósofo, médico, psicólogo e político francês que se dedicou ao entendimento do ser humano em suas relações mútuas, em uma perspectiva genética, estudo da pessoa completa considerada em

suas relações com o meio e, por isso, interessou-se pela infância, onde considera residir a maior parte da gênese dos processos psíquicos. A escolha desses dois autores se dá em função de suas perspectivas interacionistas na formação humana.

Nossa organização se fez em quatro capítulos: o primeiro capítulo intitulado “Caminhos da Pesquisa” se propõe a apresentar a temática, os objetivos e o desenho metodológico adotado bem como um relato de sua construção. O segundo capítulo abordará o conceito de limite e sua relação com a indisciplina didática pedagógica. O terceiro faz um apanhado sobre a abordagem da indisciplina escolar na perspectiva de Vygotsky (1998) e Wallon (1968) e apresenta as concepções teóricas interacionistas de ambos relacionadas ao fato de os autores defenderem que o meio em que as crianças estão inseridas pode influenciar em sua futura personalidade. O quarto capítulo busca nas propostas teóricas estudar e identificar apoios didático-pedagógicos que possibilitem superar o desafio da indisciplina. Nesse sentido, convido-os à leitura.

2 CAMINHOS DA PESQUISA

2.1 O TEMA

De acordo com Ferrari (2005), desde as primeiras civilizações, educar sempre foi um desafio. Na educação infantil esse desafio não é menor, já que demanda a atenção constante dos sujeitos que educam, sem deixar de considerar que a aprendizagem é um processo contínuo e ininterrupto, estamos sempre a aprender.

A relevância desse estudo está em pautar e apontar possíveis caminhos para a superação ou mitigação da indisciplina didática pedagógica a partir do interacionismo, defendido por Vygotsky (1998) e Wallon (1968). Essa proposta optou por realizar uma revisão bibliográfica nos reservatórios da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior (CAPES) e Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (Endipe) de trabalhos publicados nos últimos 10 anos.

Outro fator que pesa na decisão da escolha desse estudo foi a experiência e as vivências nos estágios supervisionados e remunerados. Naquelas oportunidades, percebi como a indisciplina didática pedagógica é fator potencializador de uma

aprendizagem superficial e fragilizada. Nesse sentido, desenvolver um estudo que apresente o tema, focado em teóricos que apontam um olhar holístico sobre a interação se faz importante e urgente.

A base teórica dessa pesquisa está respaldada na teoria de Wallon (1986), que foi um estudioso que se dedicou ao entendimento do psiquismo humano, seus mecanismos e relações mútuas, a partir de uma perspectiva genética. Por meio de seus estudos, o autor demonstrou que as crianças possuíam emoções e se utilizou disto para formular sua teoria, que contribuiu significativamente para o pensamento pedagógico. Baseia-se aqui, também, na teoria de Vygotsky (1987), que concebe o desenvolvimento humano a partir das relações sociais que a pessoa estabelece no decorrer da vida. Nesse referencial, o processo de ensino-aprendizagem também se constitui dentro de interações que ocorrem nos diversos contextos sociais, aqui ficaremos restritos ao ambiente da educação formal na sala de aula na educação infantil.

Nesse sentido, buscamos apoio nas teorias desses dois autores no intuito de apontar a interação como mitigação da indisciplina didática pedagógica.

2.2 OBJETIVO GERAL

Identificar nas propostas teórico-interacionistas de Vygotsky (1987) e Wallon (1986) apontamentos que possam mitigar os desafios da indisciplina didática pedagógica na educação infantil.

2.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Na busca de apoio ao objetivo geral, estabelecemos três objetivos periféricos que nos ajudaram no diálogo:

- Identificar propostas interacionistas que se configurem como mitigadoras da indisciplina didática pedagógica.
- Relacionar a teoria interacionista de Vygotsky (1987) e Wallon (1986) e sua relação com o comportamento que se expressa na indisciplina didática pedagógica.

- Relacionar a indisciplina didática pedagógica como potencializadora de uma aprendizagem superficial e fragilizada.

2.4 DESENHO METODOLÓGICO

A presente pesquisa, apoiada em Gil (2008), configura-se como uma pesquisa bibliográfica, tendo como principais fontes: livros, artigos, monografia, dissertações, teses, entre outras produções científicas no reservatório da CAPES no período de 1971 a 2019.

Usamos como estratégia filtrar as produções pelas seguintes palavras chaves: indisciplina, disciplina e educação infantil. Foram encontradas 42 produções, entre essas escolhemos 08 em função de seu alinhamento com nossa proposta da pesquisa.

Para a realização da pesquisa, a fim de responder à questão apresentada e atingir os objetivos estabelecidos, busca-se, *a priori*, com o intuito de instrumentalizar a fundamentação teórica do presente trabalho, um levantamento bibliográfico que terá por finalidade identificar o maior número de fontes de informação existentes sobre o tema proposto. Isso implicou em uma análise sistemática de informações colhidas em obras publicadas, artigos de periódicos e dissertações e na legislação que abordam a temática em estudo.

Para tanto, utilizar-se-á a pesquisa descritivo-bibliográfica que, segundo Gil (2008, p. 46): “Tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”. Nesse tipo de pesquisa as ideias são apenas relatadas, levantando possibilidades de explicar essas relações.

Quadro 1 - Revisão de literatura

Palavra Chave	Número de trabalhos Busca Geral	Número de trabalhos Selecionados

Indisciplina	24	04
Disciplina	17	02
Educação Infantil	11	02
Produções Seleccionadas		
Título- Psicologia da Aprendizagem: Processos teorias e contextos.	Autor: NUNES, A. I. B. L.	Instituição: Universidade Aberta do Brasil Ano: 2009
Título- Escola da Terra Capixaba Na Bacia do Rio Doce	Autor: SOUZA, A. R.,	Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo. Ano: 2019.
Título- O Conceito de afetividade de Henry Wallon	Autor: SALLA, F.	Instituição: Faculdade Vale do Cricaré. Ano: 2011
Título- Pais e professores à beira de um ataque de nervos entre o limite e o poder.	Autor: CAMARGO, J.S.	Instituição: Arquivos da Apadec Ano: 2000.
Título- Voltando o olhar para o professor: a psicologia e pedagogia caminhando juntas.	Autor: TULESKI, S. C. <i>et al.</i>	Instituição: Universidade Federal Fluminense Ano: 2005.

Título- Henri Wallon: o educador integral.	Autor: FERRARI, M.	Instituição: Revista Nova escola. Ano: 2008
Título- Afetividade e práticas pedagógicas. In: Afetividade e práticas pedagógicas.	Autor: LEITE, S. A. da S.	Instituição: Casa do Psicólogo Ano: 2006
Título- A educação como cultura.	Autor: BRANDÃO, C. R.	Instituição: Ed. rev. e amp. Ano: 2002.

Fonte: Autora (2020).

Para a seleção, foi feita uma leitura do resumo das obras, depois foram feitos fichamentos que dialogaram com o tema e autores do estudo.

Após a análise dos trabalhos encontrados, propomos um diálogo com Vygotsky (1987) e Wallon (1986), quanto à indisciplina no contexto escolar e buscamos propostas para superação ou mitigação de seus efeitos no processo de ensino e aprendizagem.

3 A PEDAGOGIA E A DISCIPLINA NO AMBIENTE ESCOLAR

3.1 O QUE É INDISCIPLINA?

Construir um ambiente saudável para a educação, e que potencialize a aprendizagem, representa um desafio cada vez maior por parte de educadores e instituições de ensino.

A indisciplina vem sendo um fator preocupante entre docentes das modalidades de educação infantil, uma vez que as práticas pedagógicas precisam estar condizentes com a realidade das crianças da atualidade, pois a mesma energia que leva ao interesse e ao gosto pela escola pode ser capaz de conduzir à indisciplina nesse primeiro contato com o processo educacional (SANTOS, 2002).

De acordo com Vasconcelos (2000):

A base de toda a formação tem seu início ainda na casa da criança, onde ocorre o seu maior desenvolvimento afetivo, e a função dos pais exerce o primeiro e fundamental papel na condução da vida que o aluno vai ter na escola e por toda a sua vida, por isso, os responsáveis precisam estar atentos e principalmente devem procurar acompanhar a vida escolar dos filhos desde a fase inicial da sua vida escolar para que sintam segurança e estabilidade, porque os primeiros anos são cruciais na vida da criança, por essa razão, a construção da pequena personalidade tem que ser consistente desde a base (VASCONCELOS, 2000, p. 4).

O autor frisa que, para que isso aconteça de forma positiva, é importante que haja o suporte indispensável por parte da família, bem como da escola para que adquira esse bem-estar no ambiente de ensino.

A alta complexidade das relações não passa da posição daquele que aprende e aquele que ensina, sendo aquele que impõe e aquele que se rebela por ter que aprender, que não sendo esta complexidade diagnosticada e bem cuidada ainda no início, pode gerar cada vez mais uma indisciplina que vai se enraizar e ficar mais e mais forte. Existem dois mundos dentro da escola, no que concerne à indisciplina, o da interação entre alunos e colegas e o da interação entre alunos e professores.

Entre os alunos a indisciplina é mais preocupante, pois faz sobressair o isolamento, o preconceito, *bullying*¹, formação das famosas “panelinhas”, entre outras coisas. Fator esse que acontece desde a educação infantil, e se não tratado tem potencial de afetar de forma pejorativa a vida estudantil e a socialização dos educandos.

Apesar disso, a realidade do cotidiano escolar não é linear, mas dialética, que na visão de Bakhtin (1992) afirma ser um método de diálogo cujo foco é a contraposição e contradição de ideias que levam a outras ideias, e que tem sido um tema central na filosofia ocidental e oriental desde os tempos antigos. A tradução literal de dialética significa "caminho entre as ideias", uma vez que existe certa ajuda mútua entre os alunos. Para Bakhtin (1992):

A relação professor/aluno em muitos casos é embasada em autoritarismo e incompetência, estimulados ou não pela estrutura social da escola. A partir disso, geram-se muitos conflitos alimentadores da indisciplina escolar na educação (BAKHTIN, 1992, p. 113).

¹ *Bullying* é uma situação que se caracteriza por agressões intencionais, verbais ou físicas, feitas de maneira repetitiva, por um ou mais alunos contra um ou mais colegas. O termo *bullying* tem origem na palavra inglesa *bully*, que significa valentão, brigão.

As relações entre professores e alunos são muitas vezes agravadas na medida em que as escolas têm referenciais incertos, ou seja, as regras estão sempre mudando. Dessa forma, a falta de compreensão e a falta de diálogo entre professores e alunos são apontadas como grandes fatores causadores da indisciplina na escola (SANTOS, 2002). Nesse sentido Foucault (1997) afirma que:

O incentivo ao diálogo entre os mergulhados no processo ensino-aprendizagem e a contextualização do ensino são os caminhos mais apontados dentro da pesquisa da UNESCO. A organização das salas de aula está centralizada no professor. A maneira como se processa a organização das salas de aula favorece a pluralidade das ideias, da discussão, da compreensão do aluno como sujeito próprio da educação (FOUCAULT, 1997, p. 98).

Segundo o autor, ainda que a análise do ambiente se refira a todo o espaço escolar, salas de aula, gestão da escola, momento do recreio, salas de recreação, biblioteca, vídeo etc, estes espaços marcam uma rotina escolar que influencia nas relações escolares e demonstra que não é uma mera organização de espaços, mas estão relacionados a estruturas que podem estar contribuindo para a indisciplina em sala de aula, caso não ocorra um alinhamento entre os projetos pedagógicos e os alunos e em relação às práticas educacionais.

Segundo Bakhtin (1992), para que a criança consiga superar sua carência afetiva é preciso que a escola e a família mantenham um vínculo de parceria, com reuniões constantes, visitas periódicas aos lares, além de outros recursos, no sentido de acompanhar o desenvolvimento escolar da criança. Isto acontecendo, as chances de êxito são grandes. No entanto, se a escola não atingir esse propósito de acompanhar os pais nessa missão, os riscos de fracassos se tornarão maiores. Chuai (2003) afirma que:

A escola pode e deve desenvolver estratégias metodológicas de um jeito que atraia a atenção dos pais para o quadro, promovendo, por exemplo, pequenos encontros de confraternização, uma estratégia que vai trazer os pais para dentro da escola e assim despertar o desejo de acompanhar mais de perto, a evolução da criança e seus resultados diante do ensino/aprendizagem (CHUAUÍ, 2003, p. 37).

Na visão de Lucinda (2001), existem mecanismos que impedem a visibilidade e compreensão da indisciplina: “o da exclusão”, “o da distinção”, “o jurídico”, “o sociológico” e “o da inversão do real” e afirma que em todos os agrupamentos humanos existem acentuados processos de indisciplina. Destacando que “A

indisciplina se faz presente em toda a sociedade, não se restringe a alguns grupos sociais, idades e tempos históricos. Mas, geralmente é visivelmente identificada” (LUCINDA, 2001, p. 29).

Para Mityko (2003), a forma negativa como são vistas tanto a indisciplina como a agressividade sofre distorções, esclarecendo que como o impulso neutro é confundido por muitos como se a indisciplina fosse algo premeditado, com a intenção de alcançar o almejado, quando na verdade não é, o que justifica, então, a razão da discordância do ponto de vista.

De acordo com Luckesi (2003), é indispensável que alguns elementos orientem a análise do ato indisciplinar, de forma a comportar uma estrutura formal, aspectos pessoais, o contexto possibilitador e o contexto imediato.

A indisciplina é caracterizada pelo desrespeito a uma ordem imposta ou consentida, que garanta o funcionamento regular de uma determinada organização. Para Mityko (2003):

É preciso considerar as circunstâncias em que vivem e se encontram as crianças que praticam os atos indisciplinados, ou seja, compreender e conhecer as frustrações de seus desejos e por que aprendem a atingir seus objetivos mediante a utilização da ferramenta da indisciplina (MITYKO, 2003, p. 149).

Enquanto Charlot (1997) enumera as dificuldades para a identificação da indisciplina dentro das escolas como normal e patológico, no caso em que não tem risco nenhum, frequência dos atos de indisciplinados, computado em número; a indisciplina interna e externa ao estabelecimento; as fronteiras entre o desobediente e o desobedecido. Dentre os pontos que elenca encontram-se a quantidade de atos indisciplinados cometidos pelos alunos em comparação com a rejeição do ambiente escolar, quando insistem que foram arrancados do seio familiar e não aceitam o estabelecimento como algo necessário.

Nesse aspecto, ainda explica que a indisciplina deve ser vista na educação como um termômetro para medir as normas e as regras impostas. Devem ser visualizadas como denúncia de um sistema imposto, inviável para o seu fim, ou até mesmo pelo desigual descumprimento de normas por todos igualmente.

Consoante a isso, Foucault (1997) mostra-se contrário à ordem disciplinar e punitiva proposta por Durkheim (1925), por considerar a indisciplina saudável, expondo que se trata de um aparato de controle social, interpenetrada nos corpos, impregnando condutas e discursos.

Ainda sobre o assunto, Foucault (1997) ressalta que é possível observar que atualmente a indisciplina aumenta nas escolas, tendo como justificativa que é a escola que não está adaptada ao perfil da criança que a frequenta. De algumas décadas para cá, vêm acontecendo mudanças nos valores ético-morais, no tocante à relação interpessoal, em especial nas relações familiares.

Odalía (1991) defende que existem vários tipos de indisciplina, a original, a institucionalizada, a social, a política e a revolucionária, e justifica que todas se fundamentam na medida em que não se sujeitam às regras e normas estabelecidas pela sociedade. Em sua tese, a indisciplina e a ignorância têm alterado o modo de se “viver” e de “ver” o mundo.

Ao passo que para Vasconcelos (2000) as novas famílias que estão se constituindo parecem preocupadas em não reproduzir o modelo da época em que foram educadas, onde tudo era proibido e não tendo outro modelo para orientá-las sentem-se inseguras em relação às atitudes que devem tomar na educação dos seus filhos, optando, muitas vezes, pela falta de limites que na maioria da vezes é vista da seguinte forma:

1) Quando o aluno enfrenta professores; 2) Quando a criança não obedece às regras impostas pela escola e deseja impor sua própria vontade, 3) todo ato de rebeldia para com os pais ou de uma coisa valorizada positivamente por uma sociedade é uma forma de indisciplina; 4) todo ato contra coisas e ações que alguém ou uma sociedade definem como justas e quando uma normal não for acatada; 5) conseqüentemente, indisciplina é qualquer forma de abuso físico ou psíquico contra alguém e que caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão, intimidação, pelo medo e pelo terror (VASCONCELOS, 2000, p. 4).

Para o teórico, o desrespeito ao outro, bem como outras formas de indisciplina estão se tornando algo natural. A ausência de limites durante o período de desenvolvimento humano contribui para a má formação do indivíduo como um ser social.

Autores deixam em evidência que certos pais não conseguem ensinar seus filhos a lidarem com as frustrações, e acabam permitindo que façam tudo que querem sem

estabelecer limites. Tal medida faz com que a criança acabe assimilando que gritando, esperneando, chutando, ela conseguirá alcançar o que deseja. E alertam que a criança precisa desde cedo começar aprender que decisões devem ser respeitadas, mas que proibições em excesso também podem tolher ações positivas.

A indisciplina não se restringe aos atos praticados só nos primeiros anos escolares, ela está presente em todo o constrangimento moral, direta ou indiretamente”. Uma prática que poda a liberdade trata os seres racionais e sensíveis e dotados de simbologia como coisas, objetos, passivos de ação. “É a negação do outro nos planos físicos, psicológico ou ético (LUCINDA, 2003, p. 20).

Os lugares onde a indisciplina mais predomina são nos ambientes familiares e escolares, muito embora a mais notória para a sociedade seja a indisciplina exteriorizada, uma vez que esses espaços são, por natureza, os essenciais para a formação do cidadão, além de servirem para avaliar referenciais de relações positivas ou negativas (SANTOS, 2002).

Para Lucinda (2003), os pais têm uma parcela de responsabilidade na disseminação da indisciplina, tanto quando não trabalham os limites como também quando fazem do espaço familiar um espaço onde tudo é permitido. Sobre esse aspecto, destaca-se Silva (2004):

São muitos os elementos geradores da indisciplina no ambiente escolar. A relação entre violência, agressividade e indisciplina são bastante próximas e problemáticas de se definir. Assim sendo, é necessário fazer alusão à interação que a Escola mantém com a comunidade extraescolar e às normas criadas com a participação de todos, e, igualmente por todas cumpridas, sem autoritarismo de qualquer parte (SILVA, 2004, p. 9).

Silva (2004) enfatiza que a escola se comporta de forma indiferente a esses problemas, ou impõe apenas a carga horária e o plano pedagógico, de forma única e exclusiva, ocasionando um clima de tensão e histerismo em volta do assunto. E alerta, por fim, que as crianças dos primeiros anos escolares querem e precisam muito de atenção, pontuando que todo educador deve refletir a respeito, pois amor é de graça, e é preciso preencher a escola com ele, pois assim todos serão beneficiados. Além disso, de acordo com a citação supracitada, conscientiza a todos os envolvidos na educação, defendendo que o assunto pode ser trabalhado na área educacional, através dos temas transversais incluídos no cotidiano teórico e prático na escola.

A questão da disciplina na escola varia de acordo com a concepção de educação que se tem na concepção tradicional, a disciplina se reduz ao silêncio total, sendo problema de sala de aula e os alunos são sempre os culpados; na concepção liberal a disciplina é quase inexistente há um *laissez-faire*, cada um faz o que quiser; já na libertadora a disciplina é compreendida em sua totalidade, como condição necessária para um bom trabalho coletivo. O que acontece é que os professores não têm clareza de sua concepção de disciplina, as ideias que têm não são fundamentadas e acabam não sendo colocadas em prática (ZACHARIAS, 2012).

E o que agrava essa situação é que a escola contribui com uma visão idealista de disciplina, voltada para o modo capitalista de produção, adequando o aluno à sociedade existente através da inculcação, domesticação, adestramento social segundo Tuleski (2005).

Santos e Botelho (1997) apontam que na escola uma possível solução para a indisciplina esteja, principalmente, no relacionamento professor/aluno e na maneira como se posiciona um como o outro. Para os autores, o professor precisa ter cuidado para não se deixar enganar pelos alunos, sabendo trabalhar em sala as regras verdadeiras, estabelecidas pelo grupo, do qual ela faz parte, sendo coordenador e mediador usando do respeito, da autoridade e não do autoritarismo que é incoerente com os ideais democráticos.

A próxima seção apresentará o que é indisciplina de forma mais detalhada. Trata-se de um ponto-chave neste estudo, que visa discutir o tema.

3.2 INDISCIPLINA É A AUSÊNCIA DA DISCIPLINA?

No processo de desenvolvimento da criança os pais precisam estar atentos e principalmente devem procurar acompanhar a vida escolar dos filhos, desde a fase inicial da sua vida escolar, para que sintam segurança e estabilidade, porque os primeiros anos são cruciais na vida de um aluno, o primeiro ano vai representar uma marca que vai acompanhá-lo por toda a vida. Entretanto, para que isso aconteça de forma positiva é importante que haja esse suporte por parte da família, bem como da escola para que adquira esse bem-estar no ambiente de ensino.

Dessa forma, é fundamental construir um ambiente saudável e que torne a aprendizagem eficaz, sendo necessário que as práticas pedagógicas estejam atentas para o perfil das crianças da atualidade, pois a mesma energia que leva ao interesse e ao gosto pela escola pode levar a criança à indisciplina e a perda do interesse pela escola.

Quando os pais ou educadores ensinam que não é necessário atirar brinquedos para os colegas e sim entregá-los de maneira gentil, ou dividi-los, pode-se afirmar que estão sendo delineadas condutas que vão substituir o impulso agressivo que perde forma ante a um comportamento permeado de gentilezas que a criança tem para oferecer.

Se essa postura for assimilada, aos poucos a criança vai entendendo como fazer negociações, e se sua atitude for valorizada, o comportamento indisciplinar vai ficando cada vez menos frequente. Com a adoção desse método, no lugar de uma criança rebelde nasce uma criança dócil, meiga e generosa para com todos.

A tolerância também é expressiva no trato da indisciplina, uma vez que os educadores devem ser tolerantes com os seus alunos, sem deixar de lado o senso de justiça. Assim, estarão traçando personalidades independentes e criativas, e ao mesmo tempo entendendo as regras e limites que devem ser respeitados para com os outros.

Sob o ponto de vista teórico de Chauí (2003), a indisciplina possui diversos significados e cita que o papel educativo de impor limites é cada vez mais importante, mas alguns pais e educadores têm dificuldade em limitar as crianças, e acabam permitindo demais, às vezes até para compensar ausências resultantes do cotidiano, da falta de tempo por causa do trabalho, ou no caso dos professores do cumprimento de carga horária e planos de aula. Porém, é inegável que uma consequência gravíssima possa surgir no desenvolvimento dessa criança, que pode não conhecer os seus limites, não ter quem os imponha e, ainda, não conseguir lidar com os sentimentos de frustração e superá-los.

O ambiente escolar não deve ser entendido como opressor, violento e indisciplinar. As escolas buscam um ambiente de igualdade e de compartilhamento. Entretanto, é compreensivo que por causa da interação de pessoas diferentes, haja uma tensão

devido à diversidade de culturas. Como cita Souza (2019), as culturas são defendidas por Brandão (2002) como berço da educação a partir da realidade, problematizadora, respeitosa, dialógica, crítica, criativa, consciente de si e do outro no mundo e suas relações com os outros. E é essa a dinâmica que tensiona a própria relação social.

O Educador precisa ter sempre em mente que ensinar é muito mais do que apenas transmitir conhecimentos e o aluno, desde os seus primeiros anos de vida escolar, precisa adquirir a consciência de que está na escola para aprender e que a escola é uma extensão de sua casa, por essa razão precisa zelar o ambiente e, principalmente, ter um bom entrosamento com docentes e colegas.

Segundo a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), os homens já nascem livres e possuem igualdade em seus direitos e dignidade, através do espírito de fraternidade, porém, com os poucos recursos que são destinados à educação do país, e a falta de incentivos ao aluno da escola pública, a indisciplina tornou-se um problema constante nas salas de aulas. As escolas de classe média alta não ficam de fora das estatísticas, ou seja, o problema não está concentrado apenas na periferia.

Quando se fala em crianças, logo se sente uma sensação de conforto e paz. Entretanto crianças desde pequenas já apresentam comportamentos destoantes do senso comum na concepção idealizada de aluno pelas teorias pedagógicas e consequentemente desejado pelos professores. A reação de cada criança depende da personalidade definida nos primeiros anos, seja dentro de casa ou na escola. Aí pode estar a razão de um “estranho” comportamento (SANTOS, 2002), o que chamamos de destoante.

Segundo dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2003), muitas crianças que estão nos ambientes escolares não conseguem se concentrar nos estudos. Ficam nervosas e revoltadas e têm uma acentuada vontade de não ir à escola.

Na educação básica, a indisciplina traz consequências ao processo de ensino: a falta de desejo de estarem na escola, dificuldades de aprendizados pela vida, como a baixa da autoestima, e esse conjunto pode levar ao fracasso escolar. Essa consequência

também afetam os profissionais da educação, que podem vir a apresentar desânimo, intolerância ou também à banalização.

Os próprios pais estimulam reações indisciplinadas e agressivas nos filhos quando incentivam que eles se defendam dos coleguinhas, com aquela assertiva, “se baterem em você, faça o mesmo”, contrariando os bons costumes e as escrituras sagradas (TULESKI, 2005).

A educação em seus fundamentos mais essenciais é regida pelo Estado brasileiro no art. 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN) nº. 93.94/96, abrangendo os movimentos em sociedade e a manifestação das comunidades, e no parágrafo segundo deste mesmo artigo, encontra-se registrado que “a educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social”.

Ainda neste código, no seu artigo 3º, inciso IV e IX estão preconizados o respeito à liberdade, apreço à tolerância, bem como a valorização extraescolar. E proposto no artigo 32 que rege especificamente o ensino fundamental encontram-se apregoados estes elementos mais profundamente.

Pretende-se fundamentar que esta estrutura objetivada na legislação não é de fato a existente. Destacando, como fora discutido anteriormente, uma indisciplina institucionalizada aos usuários da estrutura, especialmente na rede pública de educação. Nesse sentido, observa-se que a indisciplina é a ausência da disciplina.

No próximo capítulo apresentamos uma abordagem sobre a relação da (in)disciplina e a violência no contexto escolar. Trata-se de uma visão holística sobre o tema, que contribuirá nos debates. Em seguida apresentaremos as teorias interacionistas de Vygotsky (1998) e Wallon (1968) que abordam as relações comportamentais o que nos dará a possibilidade de discutir esse processo e criar estratégias para trabalhar com a indisciplina de forma mais contextualizada na educação infantil.

4 A RELAÇÃO DA (IN)DISCIPLINA E A VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR

4.1 A PROPOSTA DE EDUCAÇÃO ESCOLAR

Na escola tradicional², quando a regra era burlada o resultado era o castigo. No passado, o meio mais eficaz de coibir a quebra de regras era através da palmatória, mecanismo banido da escola atual. A partir de novas teorias pedagógicas e da humanização pedagógica os castigos físicos não são mais considerados como ferramentas eficazes no combate da indisciplina.

Assim como é possível uma crise no processo civilizatório a partir do enfraquecimento das condições que o definiram, e considerando que a escola, durante muito tempo, funcionou como um micro – Estado, pode-se identificar, nos últimos anos, uma crise no que se refere ao poder desta instituição, aos modelos de comportamento que aí se constroem a adesão à chamada ordem escolar (LUCINDA, 2003, p. 45).

Embora várias possam ser as causas das indisciplinas, como: angústias, medos, incertezas, sensações de vazio e a insegurança, o educador precisa saber lidar com os efeitos desses sentimentos no comportamento do aluno. É inteligente por parte dos profissionais da educação que esses possam se adaptar ou reconhecer que as relações no âmbito escolar são mutantes e respondem aos contextos histórico-sociais dos coletivos.

Atualizações e aperfeiçoamentos voltados ao universo infantil potencializam a compreensão de sua essência, a atender suas necessidades, pois essa pode proporcionar uma convivência sadia e alimenta uma boa relação frutífera quanto ao processo de ensino e aprendizagem.

No cotidiano da escola é normal os educadores reclamarem sobre o comportamento de alguns alunos em sala de aula. Na tentativa de manter o controle disciplinar, nem sempre as estratégias empregadas dão resultados e os professores costumam estabelecer regras com o objetivo de banir condutas indesejadas e tentar manter a paz durante as aulas (SALLA, 2011).

² A "Escola Tradicional" estimulava "a passividade de atitude, o tratamento mecânico das crianças como massas, a uniformidade de currículos e métodos". A passividade dos alunos também era fomentada pelo fato de na sala de aula o professor tratar o conjunto dos alunos como um todo indivisível (SALLA, 2011).

Algumas propostas são apresentadas entre pesquisadores sobre o tema como: reestruturação do espaço de ensino, a eliminação do autoritarismo no espaço escolar, o envolvimento dos indivíduos na relação ensino-aprendizagem e local, na estruturação do ensino e o estabelecimento de normas claras, assim como o seu cumprimento por todos igualmente. Em suma, construir um espaço coletivo.

Nesse sentido, para dar continuidade ao assunto, aborda-se na próxima seção a questão da importância da participação da família como atenuante da (in) disciplina, com o intuito de apresentar que a família pode ser uma parceira nesse processo, que visa amenizar aspectos indisciplinados.

4.2 A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA COMO ATENUANTE DA (IN)DISCIPLINA

Se é na escola que se refletem os desafios sociais, e se consideramos que nossa sociedade se configura dualmente entre aqueles que “têm” e os que não “têm”, e ainda que essas diferenças materiais (econômicas) são propulsoras de disputas entre “classes”, podemos imaginar que tal situação também se apresenta no cotidiano escolar na forma de algum tipo de violência. Nossa proposta consiste em discutir a violência didático-pedagógica. Nesse sentido, qual é o papel da escola? Seria o de formar o aluno para novas gerações e para exercer o comando da sociedade? (TULESKI, 2005).

Alguns marcos legais foram criados como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e a Lei e Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDBN), no intuito de fazerem funcionar regras e leis a fim de garantirem o desenvolvimento das crianças (OLIVEIRA, 1996).

Por outro lado, percebemos, nas ideias de Oliveira (1996) claramente, que as medidas adotadas pelas escolas não têm atingido a questão, agindo mais como paliativo, para acalmar os ânimos no momento das ocorrências de indisciplina que, na atualidade, se apresentam não mais como um evento específico e esporádico, mas como um dos mais graves e generalizados obstáculos pedagógicos ao trabalho educativo com alunos de todas as idades. Para Rego (1997, p. 83):

O próprio conceito de indisciplina, como toda criação cultural, não é estático, uniforme, nem tampouco universal. Ele se relaciona com o conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, entre as diferentes culturas e numa mesma sociedade nas diversas classes sociais, nas diferentes instituições e até mesmo dentro de uma mesma camada social ou organismo.

De acordo com a autora, a indisciplina implica valores, padrões de comportamento, crença, que não são únicos e nem tampouco padronizados. Sua relação está no multiculturalismo, ou seja, na multiplicidade de cultura dos grupos sociais inseridos na escola e nos vários contextos sociais, influenciando no comportamento das pessoas e da diversidade de cultura presente na sociedade, e inserida nas mais diversas categorias hierárquicas, manifestando de acordo com cada contexto e momento (REGO, 1995).

Muito se fala na necessidade de uma maior aproximação entre a escola e a família e a comunidade. Para entender essa premissa presente nos movimentos de renovação pedagógica, convém resgatar o significado originário dessa palavra, comunidade, enquanto conceito da sociologia.

Segundo Monroe (1976), um conceito de comunidade surge por oposição ao conceito de sociedade, no período das grandes convulsões sociais que acompanharam a Revolução Industrial. É um conceito que, ao reivindicar para si o espaço das relações sociais primárias ou interpessoais, relações de parentes e de vizinhança, na maioria das vezes, relega as principais características da sociedade moderna nascente, a racionalidade das relações de troca.

De tal modo que toda transformação social em cena passava ser explicada como transição da comunidade à sociedade, cabendo ao pensamento conservador a tarefa de buscar, na combinação automática desses dois mundos distintos, o equilíbrio da nova forma de organização social: a sociedade moderna. O que se fez pela atribuição de funções complementares à outra, dessas supostas instâncias da sociabilidade humana? No essencial, a função da reprodução dos valores fundamentais da vida em sociedade para a comunidade e a da regulação dos interesses individuais, eram tempos de liberalismo econômico, para a sociedade (MONROE, 1976).

A dificuldade advinha dessa interpretação da convivência entre as formas comunitárias e societárias de organização da vida, é que ela não permite entender a

dinâmica das relações existentes entre ambas ou, em termos mais gerais, a dinâmica da mudança social. Isto é, ela opera como se uma forma de sociabilidade não interferisse na outra ou, mais concretamente, como se o desenvolvimento das relações sociais construídas sobre critérios da racionalidade, a igualdade de todos perante a lei, por exemplo, não estivesse interrogando, também, a estrutura da família e das demais estruturas interpessoais, sustentadoras das relações sociais tradicionais (NUNES, 2009).

Santos (1997) nos afirma, porém, que “a educação familiar dentro dos princípios de respeito, justiça e equilíbrio não pode ser considerada antiquada”. Para o autor, a disciplina como uma construção que passa pela conscientização de valores morais e éticos, percebe-se a importância da família no processo. O que acontece, porém, é que os pais, com medo de serem antiquados e de repetirem a educação autoritária que viveram, tornam-se omissos, onde os direitos são mais privilegiados que os deveres. As principais funções da família são econômicas, garantindo os meios de subsistência e bem-estar dos membros, e educacionais, transmitindo os valores e padrões culturais da sociedade.

Outrora, o pai era mantenedor e a mãe o ponto de convergência de uma família. A ela, eram endereçadas todas as informações que seriam participadas ao pai. Pai e mãe se distanciaram. Cada um pode buscar o seu objeto de vida e se encontraram em um momento do dia ou da semana, conforme as possibilidades da vida profissional de cada um (DÉR, 2004).

Segundo Vasconcelos (1997), o que os pais podem fazer para auxiliarem nessa disciplina é readquirir o diálogo, ou seja, combinando entre eles (pais e filhos) e superando o conflito de gerações, saber dizer não e o porquê deste, sem ceder às chantagens emocionais, não acobertar erros, saber pedir desculpas quando errar, evitar castigos e punições, não usar o medo como forma de controle, falar sempre a verdade, demonstrar confiança, brincar com jogos que usem regras e o raciocínio lógico, criar ambiente que possibilite o questionamento crítico e não retribuir ausência com materialidade. A criança pode entender, aprender e viver a realidade e desenvolver autonomia.

Rego (2000 apud AQUINO, 1996) argumenta que a educação familiar é de grande importância do ponto de vista cognitivo, efetivo e moral, porém, o que o educando aprende não é irreversível. Por outro lado, Aquino (1996) argumenta que a educação familiar é de grande importância do ponto de vista cognitivo, afetivo e moral, porém o que o educado aprende não é irreversível. Com isso, incluem-se neste contexto as palavras de Rego (2000 apud AQUINO, 1996, p. 97):

A família, entendida como primeiro contexto de socialização, exerce, indubitavelmente, grande influência sobre a criança e os adolescentes. A atitude dos pais e suas práticas de criação são aspectos que interferem no desenvolvimento individual e, conseqüentemente o comportamento da criança na escola.

A escola, como parte do sistema social, convive e tem problemas com a indisciplina. Tendo também a função de formar cidadãos, esse convívio acaba se tornando objetivo, já que a disciplina construída e participativa é necessária para um bom trabalho coletivo, para que se consiga alcançar os objetivos propostos, resultando na construção do conhecimento. Sabe-se, porém, que o educador enfrenta, atualmente, muitos problemas que afetam os alunos, sendo o mais grave a indisciplina e a falta de responsabilidade, complementada pela dificuldade dos educadores de tornarem atitudes de autoridades coerentes com sua função, temendo cair em um abusivo autoritarismo que é antipedagógico (DÉR, 2004).

Sendo assim, observa-se nesse tópico, que a aborda a importância da participação da família para atenuar a indisciplina, que se faz necessária essa parceria entre escola e família. O que se percebe, então, que não só o aluno é responsável pela mudança da postura, para uma construção de disciplina, mas fazem-se necessárias mudanças na estrutura da escola, na sala de aula, na família e na sociedade, pois somos todos responsáveis pela indisciplina da criança.

A seguir, apresenta-se o próximo subcapítulo, que aborda o tema da violência nas escolas, e como isso reflete na aprendizagem dos educandos. Trata-se de apresentar um olhar diferenciado sobre o assunto, por meio de uma revisão bibliográfica de conceituados autores.

4.3 A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

Nossa percepção é de que a sociedade tem sido relativamente indiferente aos indivíduos socialmente fragilizados que, por vezes, adotam comportamentos classificados como violentos, seja para sua própria autopreservação ou por mimetismo em relação ao meio a que está exposto.

Oliveira (1996) concluiu que a identificação com os pais, sendo revelada através de separações, rejeições, abandonos, maus-tratos e outras interferências com o vínculo emocional existente entre a criança e as figuras parentais, comprovaram que acontecem graves distúrbios relacionados à socialização desta criança ao meio em que vive, ou seja, na escola (TULESKI, 2005).

A criança que aceita todo o seu sofrimento sem dizer nada a ninguém se transforma em uma criança triste, constantemente deprimida e sem perspectivas de alcançar ou lutar pelos seus direitos, se trancando em mundo de revolta. Talvez guarde mágoa durante anos e, de repente, em um momento de explosão, ela invada sua escola armada e atire nos colegas e em quem atravessar seu caminho, passando da condição de vítima para agressor praticando o suicídio em seguida, como temos acompanhado pelos noticiários diariamente (NUNES, 2009).

É importante acrescentar que o *bullying* também é o grande gerador de diversos casos de alterações de comportamento violento das crianças e dos jovens, e não é praticado apenas por alunos e entre alunos, e não somente nas escolas, ele se traduz em todas as relações desiguais de poder em que um dos indivíduos seja submetido a constrangimentos, humilhações e são ridicularizados.

Ferrari (2008) aponta como causas da violência: a pobreza, violência doméstica, alcoolismo, dependência de tóxico, promiscuidade, separação dos casais, ausência de valores, detenção prisional, permissividade, omissão do papel educativo dos pais, etc., são as principais causas que deterioram o ambiente familiar e social.

Professores que trabalham com crianças menores afirmam que têm mais facilidade de contornar um problema de discussão, pois os menores acatam a advertência dada pelo professor, quando há agressões entre alunos o professor tem condições de

intervir e separá-los mantendo um ambiente de rotina escolar e de respeito (LEITE, 2006).

Já no caso de alunos adolescentes, o problema se torna mais complicado, pois além de não aceitarem bem as regras, desafiam os professores a todo instante. Alguns chegam a agredi-los com palavrões, xingamentos ou partindo para as agressões físicas sem qualquer preocupação quanto às consequências (OLIVEIRA, 1993).

Os professores não devem revidar, e muito menos responder às provocações, pois isso causaria maiores problemas, vindo a ser levado o caso para fora da escola e registrado em delegacia, podendo causar, até a sua exoneração (REGO, 1995).

Deve se considerar o surgimento da indisciplina no contexto das relações emocionais e intersubjetivas entre professores e alunos (RATHVON, 1996). É conhecida a influenciada expectativa dos professores sobre o desempenho dos estudantes (JACOBSEON; ROSENTHAL, 1968).

Nesse sentido, o texto acima mostrou que se faz necessário que se mantenha um ambiente caloroso entre os professores e os alunos, mesmo havendo dificuldades, conflitos de ideias e poucas expectativas. A próxima seção tem como objetivo apresentar uma proposta sociointeracionista de educação, com o intuito de contextualizar o leitor sobre o assunto.

4.4 A PROPOSTA SOCIOINTERACIONISTA DE EDUCAÇÃO

A capacidade de conhecer e aprender se desenvolve a partir do contato direto do sujeito com o meio em que vive. As teorias sociointeracionistas ressaltam que o desenvolvimento infantil é um processo dinâmico, porque as crianças não são seres "passivos", simples receptores das informações que estão à sua volta. Através do contato direto com o ambiente, onde interagem com outras crianças e adultos, elas vão desenvolvendo a capacidade afetiva, o raciocínio, a sensibilidade, o pensamento, a linguagem e a autoestima. Nesse sentido, as teorias sociointeracionistas destacam o papel do professor frente ao desenvolvimento infantil como sendo de fundamental importância, cabendo a ele promover experiências diversificadas e enriquecedoras

com as quais as crianças possam ampliar suas capacidades o máximo possível (SALLA, 2011).

A criança deve desenvolver a autoestima, algo que se refere à capacidade que o ser humano tem de gostar de si mesmo para que tenha condições básicas para sentir-se confiante, amado e respeitado. Autoestima é uma construção constante da personalidade que se inicia no nos primeiros anos do indivíduo.

Nesta perspectiva de construção do homem a partir do desenvolvimento desde a mais tenra idade, a instituição de educação formal deverá fornecer métodos que facilitem seu desempenho psicológico levando-a a pensar, agir e sentir, buscando a interação para o processo ensino/aprendizagem (ROQUE, 2010).

O trabalho formativo originado da integração com parceiros prolonga-se por toda a vida, notavelmente pela educação escolar, e garante a aquisição, reprodução e transformação das significações sociais construídas na história da espécie. Com isso, um amplo campo de transformação pessoal abre-se para a criança (OLIVEIRA, 2002).

Nesse sentido, o professor deve propiciar à criança o desenvolvimento dando prioridade às necessidades dela, podendo utilizar diferentes canais de socialização do indivíduo com o meio, estabelecendo um vínculo entre professor/aluno e aluno/aluno.

As experiências sociais dos alunos devem ser conhecidas e observadas pela escola, visto que esta recebe crianças de vários níveis socioculturais. A partir daí, o professor deve trabalhar com eles partindo de seus conhecimentos anteriores. A criança deve desenvolver sua independência, para que seja autoconfiante diante dos desafios que venham surgir no futuro, de modo que seja capaz de encarar a vida sem medo. A pré-escola deve iniciar esse processo criando situações-problema em que elas tenham que solucionar sozinhas.

É na educação infantil que a criança começa a expressar o controle de seu corpo, a imagem positiva de si mesma, obtendo segurança na expressão de suas opiniões e rendimentos, é quando se dará a abertura infinita das suas "inteligências múltiplas", das capacidades cognitivas, onde passará a analisar, a descobrir hipóteses e a

resolver problemas. É também nessa fase que os pequeninos adquirem os primeiros preparos para o convívio social e têm as primeiras noções de valores morais.

Para Vygotsky (1998) desenvolvimento e a aprendizagem estão intimamente ligados, ou seja, a criança só desenvolve se ela aprende. Segundo ele, o aprendizado é essencial para o desenvolvimento do ser humano e se dá, sobretudo, pela interação social. A pessoa só aprende quando as informações fazem sentido para ela.

Neste caso, deve-se ter em mente que a criança é um ser especial, de modo que se deve fazer tudo o que for possível para que ela cresça de forma saudável e feliz. Por isso, é importante uma interação entre pais e educadores, visto que é com esta relação de confiança que a criança será beneficiada.

Em se tratando do desenvolvimento da criança na escola, pode-se imaginar que ela apenas brinca, faz amigos e passa horas felizes convivendo com crianças e adultos que não são seus familiares.

Uma escola precisa ser mais do que um lugar agradável, onde se brinca. Deve ser um espaço estimulante, educativo, seguro, afetivo, com professores realmente preparados para acompanhar a criança nesse processo intenso de um cotidiano de descobertas e de crescimento. Precisa propiciar a possibilidade de uma base sólida que influenciará todo o desenvolvimento futuro dessa criança. Sabe-se que aprender a viver em sociedade não se dá apenas no âmbito familiar, mas também na escola, no bairro, na igreja, enfim, todo o meio social contribui com essa aprendizagem.

A próxima sessão aborda Vygotsky (1988) e o interacionismo. Por meio dela, o leitor possibilitará entender a visão do teórico sobre o assunto.

4.4.1 Abordagem Interacionista de Vygotsky

De acordo com Vygotsky (1998), a indisciplina para ser entendida na concepção de deve ser analisada de forma sócio histórica, ou seja, o sujeito deve ser compreendido dentro do contexto social e histórico que ele vive. Ressaltando ainda que o autor não faz referência diretamente à questão indisciplinar do sujeito, mas a partir de suas ideias consegue-se fazer uma relação entre a sua teoria e a indisciplina.

A teoria de desenvolvimento da mente criada por Vygotsky (1998) trouxe grandes contribuições para o entendimento e compreensão de muitos problemas educacionais, que inclusive estão presentes até os dias de hoje. Sua teoria conhecida como Sócio-Histórica ou Histórico-cultural serve como base para muitos estudiosos e práticas educativas em muitas escolas, principalmente por enfatizar a importância da aprendizagem por meio do convívio social, enfatizando que tais práticas são fundamentais para promover o desenvolvimento mental do sujeito (REGO, 1995).

De acordo com Oliveira (1996), Vygotsky (1998) traz uma ideia de sujeito que se constitui a partir da relação dele com o outro, ou seja, o contato com outras culturas, valores e crenças, entendendo que o homem faz parte de um contexto social e histórico, e que a partir disso transforma a sua realidade e adquire conhecimento.

Vygotsky (1998) sempre se preocupou em entender a origem dos processos psicológicos a fim de estabelecer as relações existentes entre o desenvolvimento humano e o seu processo de aprendizagem, ou seja, para ele o aprendizado está intrinsecamente relacionado a esse desenvolvimento, pois à medida que aprende conseqüentemente o sujeito se desenvolve por meio desse aprendizado, principalmente a estrutura do pensamento e linguagem (OLIVEIRA, 1996).

Para Oliveira (1993), Vygotsky (1998) afirma que a linguagem é um instrumento de formação do pensamento do sujeito, pois através dela que se constrói todo o conhecimento adquirido, sendo que para o autor a possibilidade de construção e transformação do mundo se dá pela linguagem, estabelecendo relações com pessoas e objetos para que se alcancem essas condições.

O autor ainda defende que é por meio da interação que o homem cria vínculo entre si e com a natureza, promovendo o desenvolvimento de sua humanidade, e a linguagem e o pensamento acabam se tornando instrumentos mediadores para que esse desenvolvimento psicológico ocorra (OLIVEIRA, 1993).

Segundo Rego (1995), a mediação e a interação do sujeito com o meio possibilitam o seu processo de desenvolvimento psicológico e pessoal de forma que se baseiam em valores, imagens e representações mentais que, para Vygotsky (1998), se torna um

processo enraizado na história individual e histórica do sujeito, ou seja, temos uma relação mediada entre o homem e o mundo.

Para a autora supracitada, a construção social do indivíduo dessa forma se dá a partir das múltiplas e constantes interações sociais com o meio em que convive, adquirindo a partir daí suas características psicológicas e socioculturais, mesmo que com essa complexidade e dinamismo todo entre o indivíduo e a sociedade, é possível entender o processo de desenvolvimento e transformação que ocorrem em ambos, porém deve ser levado em consideração todo o contexto cultural existente nesse processo.

Nesse aspecto, Rego (1995) ainda afirma que a indisciplina é resultado desse processo de interação com outras pessoas e outros elementos culturais, esse contato e convívio com o meio que o sujeito está inserido condiciona o comportamento indisciplinado dependendo dessa troca de experiências sociais com o grupo que o sujeito está relacionado.

A primeira forma de socialização do sujeito ocorre com a família, no entanto, no decorrer do desenvolvimento desse sujeito ele passa a ter contato com outras experiências e interação fora do núcleo familiar, por exemplo, a escola, meios de comunicação, religião, entre outras práticas sociais que serão instrumento de mediação nesse processo de comportamento, ou seja, se um sujeito será disciplinado ou indisciplinado dependerá de todo contexto histórico, social e cultural ao qual ele está inserido, construindo toda sua relação a partir dessas experiências vivenciadas (REGO, 1995).

Vygotsky (1998) afirma que o desenvolvimento humano está totalmente interligado com as relações sociais estabelecidas, sendo o processo de ensino e aprendizagem dependente desse desenvolvimento interativo, pois para ele a aprendizagem não ocorre somente na escola, mas em todos os ambientes que o sujeito frequenta.

Para Tiba (1993), seguindo esses princípios de Vygotsky (1998), o professor deve ser um mediador de conhecimento e mediar essas relações que devem ser estabelecidas, percebendo o aluno como um ser social, histórico e cultural, que já possui uma carga de conhecimento que deve ser contextualizada e trocada com outras pessoas do seu meio por meio dessa interação.

Ainda segundo o autor acima, essa interação permite novo saber e dinamiza o conhecimento com o outro, caso isso não ocorra o aluno poderá se sentir frustrado e sem estímulo para aprender, gerando, assim, como efeito colateral a indisciplina. A sala de aula deve ser um ambiente propício à aprendizagem e o professor deve ser um articulador na construção do saber. Sendo assim, todo indivíduo depende dessa relação com o outro, podendo ser o professor ou outros alunos para construção de seu conhecimento.

O papel do professor nesse sentido é criar espaços dinâmicos e situações que proporcionem esse desenvolvimento da aprendizagem, tirando assim a chance de que qualquer tipo de indisciplina apareça nesse ambiente, pois o maior estímulo para acabar com a indisciplina é fazer surgir o desejo de alcançar um objetivo (TIBA, 1996).

Para Rego (1996), a indisciplina está associada à falta de eficiência na prática pedagógica, como por exemplo, propostas curriculares que não atendem às necessidades locais, metodologias que não valorizam a capacidade e potencialidade do aluno (assuntos fáceis demais ou que não despertam o interesse do aluno), ainda existem questões comportamentais onde o professor quer silêncio o tempo todo e estabelece pouco diálogo com a turma.

Nesse contexto, pode-se analisar que as causas da indisciplina variam as razões, porém todas levam à falta de interação, dinamicidade e comunicação com o outro, além de valores morais e éticos de cada um, pois se temos alunos inquietos, falantes, desinteressados, que não respeitam e não têm limites, isso se deve também ao fato de ter poucos valores morais e achar que não é importante o respeito com o outro (REGO, 1996).

Segundo Vygotsky (1998), quando se é ensinado algo que o sujeito já sabe ou é muito mais além de sua compreensão acontece um desinteresse e a falta de atenção, conseqüentemente isso pode levar à indisciplina, assim, o objetivo do ensino deve sempre respeitar o desenvolvimento cognitivo do aluno.

Na concepção Vygotskyana, o processo sócio-histórico do ser humano ocorre pela mediação, ou seja, tudo que é conhecido ocorre através da mediação e por meio de sistemas simbólicos que se dispõem para essa finalidade. Assim:

A teoria de Vygotsky contribui para essa nova visão da criança, atribuindo importância à dimensão social, mediando assim a relação do indivíduo com o mundo. O aprendizado ocorre mediante a inserção do indivíduo em um grupo cultural, promovendo o desenvolvimento das funções psicológicas superiores (pensamento, percepção, memória, raciocínio e volição) (TULESKI, 2005, p. 141).

Assim, o professor como ferramenta de mediação, tem na vida do sujeito um papel primordial na construção do seu conhecimento a partir da ação do sujeito sobre a sua realidade e a mediação que ocorre com outros sujeitos nas relações estabelecidas (TULESKI, 2005).

Vygotsky teve contato com a obra de Piaget e, embora teça elogios a ela em muitos aspectos, também a crítica, por considerar que Piaget não deu a devida importância à situação social e ao meio. Ambos atribuem grande importância ao organismo ativo, mas Vygotsky destaca o papel do contexto histórico e cultural nos processos de desenvolvimento e aprendizagem, sendo chamado de sociointeracionista [...] Vygotsky destaca as contribuições da cultura, da interação social e a dimensão histórica do desenvolvimento mental. Mas, ambos são construtivistas em suas concepções do desenvolvimento intelectual, ou seja, sustentam que a inteligência é construída a partir das relações recíprocas do homem com o meio (ZACHARIAS, 2007, p. 27).

Rego (1996) declara que nas obras de Vygotsky (1998) não se faz referência explícita à indisciplina, mas que seus estudos estão voltados à compreensão e atenção da importância de uma construção social do sujeito que pode muito bem ser feito um paradoxo com o contexto educacional e contribuir na solução de muitos problemas, como é o caso da indisciplina.

Para Vygotsky (1998), a indisciplina está acompanhada da falta de respeito, de limites e muita dificuldade em compreender o ponto de vista e aceitar a opinião do outro, não conseguindo compartilhar, dialogar e conviver em grupo de forma harmoniosa. Nesse aspecto, os estudos de Vygotsky fazem todo sentido quando se pretende trabalhar essa interação do indivíduo com o meio, vendo o desenvolvimento individual sempre mediado pelo outro, dando todo um significado e atribuição à sua realidade.

O papel mediador de outras pessoas nesse processo de formação de conhecimento e saberes faz com que o outro se aproprie de forma significativa, através da vivência e trocas de experiências com o meio que interage (REGO, 1996).

O próprio conceito de indisciplina, como toda criação cultural, não é estático, uniforme, nem tampouco universal. Ele se relaciona com o conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, entre as diferentes

culturas e numa mesma sociedade, nas diversas classes sociais, [...]. No plano individual, a palavra indisciplina pode ter diferentes sentidos que dependerão das vivências de cada sujeito e do contexto em que forem aplicadas (REGO, 1996, p. 84).

Ainda segundo Rego (1996), Vygotsky (1998) traz concepções de valores, informações, atitudes e posturas como conquistas individuais, porém dependentes das relações estabelecidas anteriormente através de experiências compartilhadas com outras pessoas, culturas e valores, pois o aprendizado para ele está vinculado ao seu grupo cultural.

Assim, o comportamento indisciplinado do sujeito também está condicionado às suas experiências e características sociais, grupo social que está inserido, pois ninguém nasce indisciplinado, mas se aprende a ser assim, influenciado por um grupo cultural ao qual se está inserido (REGO, 1996).

Para Camargo (2000), ainda se tem como fator de interferência comportamental a família, pois como se sabe existem pais autoritários que valorizam muito a obediência de regras, com castigos e ameaças sem muitas justificativas do por que estão agindo dessa forma, criando filhos obedientes, organizados, tímidos, e com baixa autoestima. Em contrapartida, os pais "permissivos", por sua vez, tem dificuldade em manter o controle sobre os filhos, não estabelecendo limites e nem dando responsabilidades, criando filhos alegres, porém impulsivos e imaturos. Existem ainda os pais democráticos que direcionam os filhos e respeitam as suas necessidades e sentimentos, compreendendo os filhos, porém estabelecendo regras e limites para eles, dessa forma geram filhos com valores morais, autonomia, autocontrole e autoestima.

A partir daí, percebe-se a importância da educação familiar para o sujeito e como ele é carregado de valores que, com certeza, irão acompanhar o sujeito por toda a sua vida, mas que, no entanto, não serão as únicas influências que receberá ao longo de sua vida, a família é apenas uma base de apoio para novas aprendizagens do contexto social que o sujeito será inserido (CAMARGO, 2000).

Desse modo, Rego (1996) afirma que uma relação entre professor e aluno de forma controladora, com ameaças ou permissivo demais, provoca ações e reações diversas nos alunos, por isso é fundamental que a escola se adeque às necessidades e

possibilidades dos alunos, criando condições para que os alunos construam e interiorizem valores e conhecimentos de forma responsável e mantenham uma postura social saudável.

É necessário estabelecer muitos diálogos e discutir as intenções e regras, assim como consequências que terão caso sejam infringidas, para isso a escola deve ser coerente na sua conduta e o que espera dos alunos, pois ela será o modelo de aprendizagem para eles (REGO, 1996).

Para Camargo (2000), a indisciplina deve ser analisada conforme o contexto e o sujeito que estão envolvidos, no entanto a escola ainda continua sendo um espaço de preparação para o exercício da cidadania, ensinando que os cidadãos devem ter conhecimento, respeito, limites, valores e ética para atuar em sociedade.

Para o autor, a escola e a família são parceiras nesse processo de construção de cidadania e responsabilidade social. No entanto, a própria sociedade está carente de valores éticos e morais para conduzir o sujeito na sua construção como ser, o que dificulta o trabalho das duas primeiras.

Para Vygotsky (1998), o desenvolvimento do ser humano depende de sua inserção social, ou seja, a cultura e as crenças que aprendem determinam o sujeito, acontecendo esse desenvolvimento de “fora para dentro”. Vygotsky (1998) nos fala sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal, a qual define a capacidade de resolver um problema sozinho e a capacidade de resolver um problema somente com auxílio de alguém mais experiente. A “zona de desenvolvimento proximal” é, pois, um domínio psicológico em constantes transformações, aquilo que a criança é capaz de fazer com a ajuda de alguém hoje, ela conseguirá fazer sozinha amanhã. É nesse sentido que a brincadeira pode ser considerada um excelente recurso a ser usado quando a criança chega à escola, por ser parte essencial de sua natureza, podendo favorecer tanto aqueles processos que estão em formação, como outros que serão completados. Nesse sentido, a interação social se faz presente e importante no processo de desenvolvimento do sujeito.

4.4.2 Abordagem interacionista de Wallon

Para Wallon (1968), a competência da escola era proporcionar uma educação integral do sujeito, tanto no aspecto intelectual, afetivo e social. Para Wallon (1968) o desenvolvimento intelectual depende de quatro pilares que são: a afetividade, o movimento, a inteligência e a formação do eu.

Wallon (1968) levou para dentro da sala de aula as emoções da criança e as tratou como ferramenta de aprendizagem, sendo essencial no desenvolvimento do sujeito que exterioriza seus desejos e vontades. Para ele, reprovar um aluno é a própria negação do ensino, e seria uma das formas de exclusão mais severas.

Para Wallon (1975), as transformações do corpo que ocorrem em uma criança revelam seu caráter e personalidade, enquanto a emoção contribui para que o sujeito conheça a si e ao meio em que vive, por meio desses sentimentos que estabelece com o meio social, sendo a afetividade um dos elementos principais do desenvolvimento humano.

A teoria de Wallon (1968) valoriza as emoções, porém afirma que elas dependem intrinsecamente da organização do espaço, ou seja, é necessário que a sala de aula seja adaptada às necessidades dos alunos, para dinamizar e se movimentar mais, tendo em vista quais são os tipos de materiais ofertados para os alunos nas atividades. Isso são fatores que influenciam diretamente no comportamento dos alunos, e a ausência disso pode gerar a indisciplina (WALLON, 1975).

No entanto, para Ferrari (2008), as escolas insistem em imobilizar muitas práticas e métodos em sala de aula, como por exemplo, insistir que as crianças sentem em fileiras, sentadas por várias horas em uma carteira, limitando seus movimentos e a expressão de suas emoções e pensamento, gerando um grande desinteresse e desmotivação, fatores que desencadeiam automaticamente a indisciplina.

A proposta de Wallon (1968) busca um desenvolvimento do sujeito por meio de uma cultura mais humanizada, ou seja, considera o sujeito na sua totalidade, trabalhando a afetividade, emoção, movimento e organização do espaço físico como pilares essenciais para o pleno desenvolvimento do ser humano (FERRARI, 2008).

Dessa forma, tem-se nessa proposta diferentes formas de se trabalhar com os alunos, jamais imobilizando seus movimentos e engessando suas emoções, a qual o objetivo principal não está focado em conteúdo, mas ajudar a descobrir o eu no outro, desenvolvendo o poder de sintonizar a criança com o meio que vive (FERRARI, 2008).

Segundo Wallon (1975), cada criança tem seu modo de desenvolvimento intelectual, fazendo a diferenciação do seu mundo interior repleto de sonhos e fantasias da realidade exterior cheio de símbolos, valores sociais e culturais. Esse conflito existente faz com que a criança evolua seu pensamento, seu desenvolvimento intelectual que permite um ciclo infinito de novas descobertas.

Wallon (1975) ainda nos traz a concepção da construção do eu, e nessa concepção está a presença do outro para que o eu seja construído, seja como referência, seja como negação, mas tudo serve como instrumento de descoberta de si próprio. Essa fase vem com a manipulação, sedução e imitação do outro, inclusive ações indisciplinadas, a qual a criança busca se conhecer e testar limites, utilizando de diversos sentimentos estimuladores para a construção do eu.

O termo se refere à capacidade do ser humano ser afetado positiva ou negativamente tanto por sensações internas como externas. A afetividade é um dos conjuntos funcionais da pessoa e atua, juntamente com a cognição e o ato motor, no processo de desenvolvimento e construção do conhecimento (SALLA, 2011, p. 1).

Para Salla (2011), a indisciplina presente em sala de aula está condicionada à falta de afetividade familiar e social, e quando os sentimentos e emoções da criança não estão sendo levados em consideração, e se canalizado de forma negativa a resposta a esse estímulo torna-se um comportamento eticamente inadequado.

Dessa forma, para Wallon (1975), a emoção tem um papel fundamental em relação ao comportamento e a disciplina da criança, ou seja, para o seu pleno desenvolvimento, pois é por meio das emoções que a criança consegue se expressar e exteriorizar suas vontades e desejos. Daí o motivo por qual Wallon (1968) critica os modelos tradicionais de ensino, pois para ele nesse ambiente a criança recebe poucos estímulos como esses.

Os professores devem fazer uma reflexão sobre sua prática e sobre as relações que estabelecem com os seus alunos, assim como está planejando e organizando todo

trabalho em sala de aula, sempre utilizando uma metodologia diversificada que atenda às reais necessidades dos alunos, respeitando a individualidade e afetividade de cada um, minimizando conseqüentemente a indisciplina (SALLA, 2011).

Pensar na afetividade, é muito mais que simplesmente dar carinho e atenção, pois a compreensão dela nos faz entender melhor muitos problemas de relações interpessoais que são presenciados nas escolas, pois o sujeito pode ser afetado de forma positiva ou negativa na relação com o outro (SALLA, 2011).

Dessa forma, Nunes (2009) nos mostra que a afetividade atua ativamente no processo de desenvolvimento e construção do conhecimento, baseados nas relações da criança com seu meio social. “Wallon objetiva compreender a gênese dos processos psíquicos do ser humano, apresentando uma concepção de desenvolvimento que inclui, de forma integrada, as dimensões intelectual, afetiva e motora” (NUNES, 2009, p. 109).

Para Maccarini (2010), cada criança passa por fases de desenvolvimento e aprendizagem, no entanto essas fases não são determinantes, pois a criança deve ser levada em consideração no contexto em que ela está inserida, assim como o comportamento diferenciado, devido aos estímulos e interferências que sofreu nas suas relações sociais vivenciadas. Ao passo que o autor continua a nos afirmar que “[...] as crianças, quando estimuladas pela convivência com outras, podem apresentar um desenvolvimento cognitivo diferenciado de outras da mesma idade, de acordo com as intervenções do meio em que está inserida” (MACCARINI, 2010, p. 25).

Assim, para Tiba (2013), analisando essa concepção Walloniana, fica fácil compreender o comportamento indisciplinado de muitas crianças, pois a possibilidade de moldar os comportamentos por meio das relações é evidente, principalmente a influência familiar que a criança carrega consigo. Logo que a criança age com indisciplina é preciso refletir sobre o seu contexto social e o que pode estar fazendo o aluno agir dessa forma. Essa reflexão é necessária principalmente para o professor, que tem suas aulas comprometidas, a escola sofre com esse comportamento e o próprio aluno também compromete sua aprendizagem e a dos demais alunos, uma vez que “[...] a maioria das indisciplinas dos alunos tem reforço dos pais. Mas, será que os pais têm consciência disso?” (TIBA, 2013, p. 210).

Wallon (1975) define as relações com o outro e a possibilidade que o sujeito tem de conhecer toda a dimensão social, e apropriação de todo contexto cultural que está inserido, construindo progressivamente seu comportamento e ações em relação ao mundo.

Wallon (1978) afirma que tanto a família, escola e sociedade são ferramentas modeladoras de comportamento e do desenvolvimento do ser humano a partir das relações que são estabelecidas com elas, inclusive determinando o comportamento indisciplinado ou não da criança dentro do contexto escolar.

Seguindo esse mesmo pensamento, Mahoney (2004) afirma ainda que a escola sozinha jamais conseguirá resolver essa questão de indisciplina, da falta de afetividade e muito menos suprir carência familiar, no entanto, enquanto instituição formadora de cidadãos também não pode ignorar esses fatores, sempre reforçando essa necessidade de compreender o indivíduo em sua integralidade e buscando recursos para melhorar esse processo de desenvolvimento dos alunos.

O meio social e físico impõe exigências a que a criança precisa responder para sobreviver e se adaptar a ele, uma vez que fornece os recursos que darão forma e conteúdo a essas respostas, uma vez que a cultura determina o que a criança precisa aprender e como, para se adaptar a essa sociedade (MAHONEY, 2004, p. 14).

Dessa forma, basta apenas pensar nas diferentes culturas do mundo e como as crianças precisam aprender, assim como os diferentes recursos utilizados para essa aprendizagem, pois a relação da criança com o seu meio é o que estabelece essa aprendizagem significativa, possibilitando assim mudanças e transformações não somente no meio ambiente como também no seu comportamento. Essas transformações definem o sujeito e o constitui como pessoa (MAHONEY, 2004).

Mahoney (2005) afirma que é através da afetividade que a criança estabelece seus primeiros contatos com o mundo, por meio de impulsos emocionais com a família, uma vez que a criança é formada por três dimensões que são a motora, afetiva e cognitiva, que atuam de forma integrada no desenvolvimento do sujeito. A partir dessa premissa, logo se percebe que sua evolução não somente depende da sua capacidade biológica como também do ambiente que ele está inserido.

Assim, a escola deve considerar a criança em sua totalidade, compreendendo a criança e o seu modo de agir a partir do contexto social que ela está inserida. A escola e a família devem estar juntas nesses processos de desenvolvimento comportamental da criança, mostrando que a disciplina não é algo negativo, pois limites e regras são essenciais para que a criança se conscientize quanto à sua função dentro daquele espaço que está ocupando (MAHONEY, 2004). Nessa perspectiva, Nunes (2009, p. 111) afirma que “[...] a concepção Walloniana da infância concebe o ser humano como biologicamente social, um ser cuja estrutura orgânica supõe a intervenção da cultura para avançar constantemente em seu desenvolvimento.”

Pensando dessa forma, Nunes (2009) mostra a necessidade da intervenção do professor em relação à indisciplina, mas que seja uma ação em parceria com a família, pois somente os professores, ou até mesmo a instituição, não conseguirão sozinhos fazer essa intervenção sem apoio. Ao passo que o autor continua a nos dizer que para Wallon “[...] as situações de conflito marcam o desenvolvimento do sujeito, podendo advir das próprias contradições entre o que ele espera, almeja e o que ocorre em sua relação com o ambiente do qual faz parte” (NUNES, 2009 p. 113).

Analisando esse contexto, o autor acima citado vê que não somente os conflitos escolares são responsáveis pela indisciplina na escola, existem fatores determinantes como a própria fase da criança em que está desenvolvendo seus impulsos emocionais, de personalidade e adolescência, quando as emoções estão florescendo e que, segundo Nunes (2009, p. 111),

[...] a duração de cada etapa, e as idades correspondentes são variáveis, pois estamos diante de uma concepção de desenvolvimento que enfatiza os processos interacionistas da criança com o meio social e, não, uma lógica linear referente apenas ao fator etário.

Para Dér (2004), O sujeito é mutável e se desenvolve constantemente a partir de estímulos, sejam positivos ou negativos, não somente fatores biológicos como também fatores individuais e externos como violências sofridas, abandono, maus tratos, abusos sexuais, etc., que evidenciam a vulnerabilidade das crianças e que prejudicam não somente o processo de ensino e aprendizagem como todo processo de interação e relação afetiva com o outro.

Ainda segundo o autor supracitado a escola vem sendo muito cobrada em relação a essa questão comportamental das crianças, mas não se pode esquecer que ao longo da vida a criança passa por diversas fases e experiências, que farão com que seu comportamento seja alterado, por isso a importância em enfatizar a afetividade nesse processo como ferramenta modeladora de comportamento e para a construção integral do sujeito. Para Dér (2004, p. 75) a teoria Walloniana mostra que:

As manifestações epidérmicas são substituídas por novas exigências afetivas, como, por exemplo, a necessidade de atenção que a criança no estágio do personalismo apresenta e a necessidade de respeito e justiça reivindicada pelo adolescente. Perceber e compreender essas mudanças representa um caminho eficiente para resolver boa parte dos conflitos que surgem na relação eu-outro.

Dessa forma, para Dér (2004) a criança passa por diversos processos de mudanças e transformações, e cabe aos adultos o discernimento de orientar e respeitar os limites de cada sujeito de forma individual, sem se tornar algo que seja forçado para eles, ou seja, é necessário realizar ações que estejam dentro de suas capacidades físicas e cognitivas, trabalhando sempre por meio da afetividade. A escola trabalhando dessa forma, em parceria com a família, obterá grandes resultados em relação à melhoria comportamental da criança, assim como na resolução de conflitos e dificuldades disciplinares que surgem no dia a dia das escolas.

Para Salla (2011), o professor, como mediador dessa relação afetiva, deve valorizar as experiências e o contexto social do aluno realizando as devidas intervenções e possibilitando um maior conhecimento de mundo a partir dessa interação. É um grande desafio ainda a ser enfrentado, porém para que se consiga um ensino e aprendizagem satisfatórios depende-se dessa intervenção e dessa mediação da escola, conduzindo e avaliando constantemente os resultados obtidos.

Uma ferramenta ideal para que isso ocorra é o bom planejamento, a qual o professor em sua prática e atividades em sala de aula contextualiza com a realidade dos alunos, de suas vivências e culturas, atendendo às reais necessidades das crianças e criando condições favoráveis para uma aprendizagem significativa, despertando o interesse dos alunos de forma que não se abra oportunidade para o desinteresse e conseqüentemente para a indisciplina (NUNES, 2009).

De acordo com Salla (2011), o que mais atrapalha a afetividade no cotidiano escolar é justamente o egoísmo, refletindo sobre o fato de as pessoas estarem mais centradas em suas próprias vidas do que na existência do outro. Portanto, é preciso repensar a formação docente, assim como as práticas em sala de aula, a fim de trazer mudanças reais para esse contexto de relações marcadas pelo individualismo.

Para Nunes (2009), somente se conseguirá compreender a indisciplina a partir do momento que compreendermos os fatores que levam a esse comportamento, e essa prática somente é possível por meio da observação e avaliação do cotidiano e do contexto social em que o sujeito está inserido.

A escola como sendo indispensável para o desenvolvimento integral do indivíduo ainda é a melhor alternativa para se conquistar objetivos como estes, não que seja somente sua responsabilidade essas mudanças de comportamento e pensamentos individualistas, porém ela é um eixo norteador para se trabalhar boas práticas e aperfeiçoar o sujeito de forma que ele se conheça melhor e respeitando seus limites e conhecendo ao outro na sua multiculturalidade (WALLON, 1975, p. 37).

Na escola o indivíduo tem mais oportunidade de interagir e conviver com diferentes culturas, costumes e tradições, pois é um espaço com grande diversidade de grupos, cada um com suas peculiaridades. A partir desse contexto heterogêneo, a criança passa a perceber a existência do outro e passa a amadurecer sua aprendizagem de forma a entender que não é somente ela no mundo (WALLON, 1978). Essa interação pode surgir de amizades, troca de ideias ou até mesmo conflitos, mas que são válidos para estabelecer as relações de mundo e perceber a necessidade da afetividade para uma convivência harmônica e saudável entre os indivíduos nesse processo educativo (WALLON, 1978).

Para Mahoney (2004), a ausência dessa afetividade gera exclusão, abandono, rejeição e isso são determinantes para que haja a indisciplina por parte de qualquer sujeito, e não precisamos culpá-lo por isso, nem a escola pela falta de sucesso de muitos alunos, mas sim fazer uma reflexão a partir dos fatores que são os possíveis causadores dessa indisciplina escolar, caracterizada tanto pela perda de autoridade do professor, professores e alunos desmotivados, aulas cada vez menos atrativas e falta de estímulos para que os alunos participem.

Não há como desassociar o contexto escolar do processo de aprendizagem dos alunos, pois existe uma rede conectada entre ambos que acarretam uma série de desafios e implicações na prática pedagógica, inclusive a própria indisciplina gera também diversas implicações, e que divide muitas opiniões dentro desse contexto em relação as suas reais causas, por exemplo, um aluno comete um ato indisciplinado como sair da sala de aula escondido, quem está do lado de fora acha que a culpa é do professor, se esse mesmo aluno comete alguma indisciplina na rua, algumas pessoas vão perguntar se o professor não está dando educação para ele, e assim surgem vários exemplos de trazer essa problemática como se fosse apenas responsabilidade individual do professor ou da escola (MAHONEY, 2005).

É preciso conscientizar acerca desse assunto, principalmente nas relações dentro do contexto escolar, seja entre professores e alunos, seja entre si e toda comunidade. É preciso gerar motivadores, referências, tanto na escola quanto familiar. As crianças precisam se sentir acolhidas e respeitadas, juntamente com práticas dinâmicas e que cativem o interesse dos alunos, isso não é uma tarefa fácil, porém também não é impossível e precisa ser refletida dentro das escolas (MAHONEY, 2005).

Nesse sentido, é necessário o envolvimento de todos, principalmente da gestão para orientar e trazer as famílias para mais perto da escola. Falta esse apoio e essa estrutura pedagógica voltada para a afetividade e estabelecimento de relações dentro da escola, respeitando a faixa etária e as suas necessidades (MAHONEY, 2004).

O processo de ensino e aprendizagem ainda apresenta carência em relação à discussão sobre a importância dessa afetividade, principalmente em relação à indisciplina escolar, assim como investir mais em um modelo educativo que priorize o desenvolvimento integral do aluno e considere a afetividade como ferramenta modeladora e impulsora nesse processo de desenvolvimento do sujeito em sua totalidade (MAHONEY, 2005).

Segundo Wallon (1975), a afetividade deve ser compreendida por todos de forma clara e, como pode ser transformadora dentro do contexto escolar, isso vai desde a estudar os conceitos até mesmo a aprender a utilizar a tonalidade da voz com as crianças, essas ações promovem mais confiança e segurança ao aluno no ambiente escolar e,

consequentemente, faz com que ele crie condições para que permaneça nesse ambiente.

Nesse aspecto, a afetividade gera esse desejo do aluno em aprender, não como uma obrigação, e essa afetividade não se resume apenas a gestos de cuidado e carinho, mas ao encorajamento, motivação, confiança e respeito mútuo. Essa ação faz com o aluno crie comprometimento e responsabilidade com o contexto escolar e estar ali se torna uma escolha positiva, pois perceberá com mais clareza seu verdadeiro papel nesse contexto (WALLON, 1975).

Para Leite (2006), a formação de educadores em relação à afetividade trazida por Wallon (1968) é de extrema necessidade a partir do momento que se percebe que eu afeto e sou afetado pelo outro de forma positiva ou negativa, e que isso interfere diretamente no bom relacionamento dentro do contexto escolar.

Essa formação deve ser contínua e reflexiva, envolvendo tanto a teoria como prática voltada para a realidade escolar, pois a sala de aula é um ambiente diversificado, com diversos tipos de realidades presentes, mas que com a afetividade trará mais proximidade nas relações estabelecidas e facilitará o trabalho do professor, principalmente em relação ao controle da indisciplina. No entanto, o maior desafio ainda é esse, compreender o aluno em sua totalidade e concretude através dessa afetividade (LEITE, 2006). No próximo capítulo tecemos um diálogo entre as teorias de Vygotsky e Wallon e a indisciplina.

5 VYGOTSKY, WALLON E A (IN)DISCIPLINA ESCOLAR

Diante dos estudos mencionados e da reflexão proposta aqui, observa-se a possibilidade de um paralelo entre Vygotsky (1998) e Wallon (1968), quando contextualizados com o desenvolvimento humano a partir das relações que estabelecem com o meio para o seu desenvolvimento.

Para Wallon (1978), o desenvolvimento do sujeito ocorre por meio da afetividade, cognição e motricidade, as quais possuem seus pilares integrados ao meio social, fazendo assim com que o indivíduo seja compreendido em sua totalidade.

Nessa proposta de Wallon (1968), o meio social apresenta destaque no desenvolvimento humano por meio dessa interação e integração dos aspectos motor, cognitivo e afetivo, sendo esse último um dos alicerces dos estudos do autor em relação ao seu poder de influência e como pode ser utilizada como ferramenta no processo de ensino e aprendizagem (WALLON, 1978).

Vygotsky (1991), por sua vez, também trabalha o desenvolvimento humano a partir das relações sociais que o sujeito estabelece ao longo da vida, de forma que o processo de ensino e aprendizagem depende dessa interação com os diferentes contextos sociais, e não se limita apenas a sala de aula. Assim, ele nos mostra a necessidade de mediação nesse processo de conhecimento, cabendo ao professor desempenhar esse papel tão importante, além de ter a sensibilidade de percepção do aluno como um ser social, conhecendo sua realidade e promovendo um saber contextualizado, integrando e interagindo uma troca de saberes de forma dinâmica e enriquecedora para os alunos.

Wallon (1968) condena o sistema de ensino que engessa a prática pedagógica, critica todo sistema que propõe um sistema tradicional e autoritário, ascendendo o professor e torna o aluno submisso, com atividades totalmente fora do contexto real do aluno, o que parece um “adestramento” de crianças. Para o autor, ações assim estimulam a indisciplina, no entanto obriga as crianças a se adequarem nesse sistema, porém na primeira oportunidade tudo foge ao controle. O sentimento de responsabilidade e respeito surge quando ela se sente pronta para participar de regras sociais e consegue entendê-las.

Wallon (1986) busca explicar que, através de emoções e sentimentos, é possível fazer com que o indivíduo se sinta parte integrante do grupo, compartilhe suas experiências, se sinta motivado e animado a continuar naquele ambiente. Essa afetividade trazida pelo autor contribui inclusive na resolução de conflitos, principalmente em se tratando de indisciplina. Nesse contexto, a afetividade entra como modeladora de comportamento e ocupa o centro de todo o processo para determinar o resultado. Segundo Wallon (1986, p. 55), “A escola é, também, um meio funcional. As crianças a frequentam para instruírem-se e devem familiarizar-se com um novo tipo de disciplina e de relações interindividuais”.

Para Vygotsky (1993), todo indivíduo é dependente do outro para a construção de seu conhecimento. Escolas que buscam alunos comportados, sentados em filas e passivos de conhecimento, conseqüentemente terão como resultado a indisciplina. É preciso, nesse sentido, que tanto a escola como a sala de aula seja um ambiente dinâmico e convidativo para a aprendizagem, com boas práticas e o desenvolvimento voltado para as relações interpessoais, sendo que a indisciplina nesse contexto não terá oportunidade de se instalar no ambiente, pois o maior estímulo disciplinar é o desejo de atingir objetivos.

Essa nova forma de pensar sobre o sujeito e suas concepções, considerando seu desenvolvimento e sua aprendizagem através do meio social, traz uma maior valorização para o contexto social que o aluno está inserido e considerado como fator determinante de aprendizagem (VYGOTSKY, 1993).

O processo educacional assim está ligado ao processo histórico cultural de cada indivíduo, no qual ele aprende socialmente a ser o que é, percebendo-se como um ser capaz de estabelecer relação com o outro, com seu meio e consigo mesmo (VYGOTSKY, 1993).

Wallon (1986) define os sentimentos e emoções como uma forma de expressão do ser humano, expressão essa manifestada por meio de seus desejos, vontades e necessidades. Por isso, a necessidade de estudar e compreender melhor essa relação afetiva que o sujeito estabelece com o mundo, pois somente com o entendimento dessa afetividade que o professor conseguirá fazer a intervenção correta.

Wallon (1988) fala que essa intervenção realizada pelo professor, e o modo como ela é feita, reflete diretamente nas relações de ensino e aprendizagem do aluno. A entonação da voz, a forma de gesticular, a postura, expressões, entre outras formas são fatores influentes no comportamento e na resposta dos alunos nesse processo de aprendizagem. Uma intervenção mal realizada pode ocasionar justamente o estímulo maior ainda para a indisciplina.

Isso não ocorrerá se utilizar a afetividade como ferramenta na prática, não somente dando carinho e atenção aos alunos, mas se trata do estímulo, despertar o interesse,

motivar e criar um ambiente que atenda às reais necessidades dos alunos, não é preciso e nem aconselhável podar emoções e sentimentos dos alunos, mas direcioná-los para que organizem suas capacidades cognitivas para que aconteça seu pleno desenvolvimento intelectual e social (WALLON, 1971).

Esse direcionamento faz com que os afetos sejam utilizados para um fim específico, pois a criação de um vínculo afetivo com o professor, e até mesmo entre os alunos, facilita muito mais o processo de aprendizagem do aluno. Wallon (1971) configura que o sujeito passa por diversas transformações e que ele sofre influência tanto positiva ou negativa do seu meio social, daí a importância de o professor ser o mediador nesse processo afetivo, para que se alcance bons resultados escolares e não aconteça espaço para o surgimento da indisciplina.

Para Vygotsky (1998), o ser humano se apropria de cultura através das relações que estabelece com o seu meio, reproduzindo essa cultura, crenças e valores a partir do contexto em que ele está inserido. Esse processo também exige uma mediação que oriente o aluno a boas práticas sociais e escolares.

Dentro de um processo de conhecimento e relações estabelecidas surgem muitos conflitos e acabam originando a indisciplina, principalmente quando há divergência de ideias e pensamentos, há um desencontro entre teoria e prática, ocasionando um conflito de interesses entre professor e aluno. Muitos problemas de indisciplina ainda ocorrem devido ao desrespeito por ambas as partes de forma diferente, do aluno que sai da sala sem pedir, até o professor que rotula seu aluno fazendo com que o processo de ensino e aprendizagem se torne inviável (VYGOTSKY, 1998).

Há, portanto, uma nova forma de organização e das relações estabelecidas na escola, trazendo a afetividade como ferramenta pedagógica para a formação integral do indivíduo e no combate à indisciplina (WALLON, 1975).

Essa indisciplina deve ser canalizada para a aprendizagem e isso requer muito esforço e criatividade, pois a indisciplina é um grande potencial do aluno, porém utilizado de forma equivocada, uma vez, que essa energia deveria ser utilizada para a construção de saberes e transformação social (REGO, 1998).

Nesse ponto de vista, a indisciplina na visão Vygotskyana não necessariamente será um fardo para o processo de aprendizagem, mas um desafio do aluno com a instituição, desde que seja feita a canalização dessa indisciplina de forma adequada, dinâmica e não se limite apenas à sala de aula, mas abranja todo contexto social do aluno. Essa canalização da indisciplina se trata do aluno não aceitar sempre a mesmice, que seja um sujeito crítico-participativo, humano e tenha autonomia de escolha, respeitando a diversidade e lutando pela inclusão e igualdade social (REGO, 1998).

O ser humano é capaz de aprender e se desenvolver a partir das relações estabelecidas com o meio e consigo mesmo, não se limitando apenas ao ambiente familiar ou escolar, mas todo o contexto em que o sujeito está envolvido, sendo ele capaz de desconstruir qualquer forma de engessamento de saberes a partir dessas interações que se estabelece com o meio (REGO, 1998).

O próximo capítulo apresenta as considerações sobre esse estudo, apontando o que se pode observar ao longo do percurso, bem como possíveis possibilidades para superar a indisciplina.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho monográfico tece algumas considerações em relação à (in)disciplina das crianças na Educação Infantil. Ele possibilitou ao leitor identificar nas propostas teórico-interacionistas a luz de Vygotsky (1998) e Wallon (1968), principalmente, e apontamentos que possam mitigar os desafios da indisciplina didática pedagógica na educação infantil, com outros autores que dialogam com os principais. Ao mostrar que se trata de um problema que pode ser desafiador, mas que com as propostas apresentadas pelos autores, podem ser amenizados.

O estudo objetivou identificar nas propostas de Vygotsky (1998) e Wallon (1968) a mitigação dos desafios da indisciplina didática pedagógica na educação infantil. As teorias demonstraram que a indisciplina é a ausência de disciplina e precisa ser trabalhada de forma contínua, em que o educando apresente possibilidade de interação, por meio de regras que possibilite a disciplina fazer parte do contexto do educando.

A pesquisa possibilitou, ainda, relacionar a teoria interacionista de Vygotsky (1998) e Wallon (1968) com as relações comportamentais que acabam por se expressarem em indisciplina didática pedagógica. O que nos dá a possibilidade de entender esse processo e criar estratégias para trabalhar com a indisciplina de forma mais contextualizada na educação infantil.

Um dos principais desafios na educação infantil, tanto no âmbito familiar quanto nas instituições, é a questão da indisciplina. Autoridade significa que o adulto proporciona um suporte afetivo e moral à vida da criança a partir do estabelecimento de regras, de limites que buscam orientá-la e protegê-la desde o nascimento até que possa cuidar-se sozinha.

A pesquisa aponta a necessidade de um agir pedagógico no que tange à indisciplina. Considerando que nessa etapa ainda está em construção a autonomia, um “porto seguro” ou um “guia no adulto cuidador”, é importante frisar que se na relação com os pais e professores não houver uma hierarquia, ou seja, uma diferenciação de funções que consolida os pais e educadores numa posição de autoridade, não autoritarismo, o filho/aluno pode ficar desorientado e inseguro. É fundamental que a criança veja o “adulto cuidador” como alguém que se preocupa, orienta, se exemplifica para ela.

Na tentativa de responder à problemática: “Quais alternativas as teorias nos apontam como superação da indisciplina didática pedagógica na educação infantil?”; pode-se verificar que as propostas identificadas nas teorias interacionistas de Vygotsky (1998) e Wallon (1968), que possibilitam mitigar os desafios da indisciplina didática pedagógica na educação infantil, baseiam-se em um novo olhar, em que a interação se torna ponto de partida e chegada na proposta pedagógica, uma vez que necessita estar no cotidiano da escola, na sala de aula, no trabalho do professor, na docência.

Essa afirmação apoia-se na teoria interacionista de Vygotsky (1998) e Wallon (1968) e sua relação com o comportamento como fruto das interações humanas, o que pode potencializar a disciplina ou a (in)disciplina didática pedagógica, nesse último caso potencializadora de uma aprendizagem superficial e fragilizada. Sendo assim, o presente estudo buscou apresentar, apoiado nas ideias de Vygotsky e Wallon, que a indisciplina é a falta de disciplina, necessitando que o contexto educacional proporcione uma aprendizagem que possibilite ao educando interagir na sociedade,

por meio de uma ação didática pedagógica potencializando a aprendizagem do educando.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. (V.N. Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lauch e Lara Frateschi Vieira. 6. ed. São Paulo: Editora HURITEC, 1992.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. ed. rev. e amp. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2002.
- BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm>. Acesso em: 18 mar. 2020.
- CAMARGO, J. S. **Pais e professores à beira de um ataque de nervos entre o limite e o poder**. Arquivos da Apadec, v. 4, n. 2, p. 61, jul./dez., 2000. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/ArqMudi/article/view/16806/9023>>. Acesso em: 18 mar. 2020.
- CHARLOT, Bernard; ÈMIN, Jellab, A. (coords) **Violences à l'école: état des savoirs**. Paris: Mason 7 Armand colin, 1997.
- CHAUÍ, Marilena de S. A universidade pública sob nova perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 24, p. 5-15, set./dez. 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a02.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2020.
- DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris, 10 dez. 1948. Disponível em: <https://trello-attachments.s3.amazonaws.com/56144c98a4fd31edb5227151/5a207fd955d08cf17478f15a/375438e219c466a9e5a0c3a98d539a57/Na%C3%A7%C3%B5es_Unidas_Livreto_70_Anos.pdf>. Acesso em: 26 out. 2019.
- DÉR, Leila Cristina Simões. A Constituição da pessoa: dimensão afetiva. In: MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (Org.). **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo Brasil: Edições Loyola, 2004.
- DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. Tradução: Stephania Matousek. Petrópolis, RJ: Vozes, 1925.
- FERRARI, Márcio. Henri Wallon: o educador integral. **Revista Nova Escola**, São Paulo, out. 2008. Edição especial. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/educador-integral-423298.shtml>>. Acesso em: 20 out. 2019.
- FERRARI, M. Friederich Froebel, o formador das crianças pequenas. **Revista Nova Escola**. 2005. Disponível em: <<https://www.google.com/search?q=FERRARI%2C+M.+Friederich+Froebel%2C+o+formador+das+crian%C3%A7as+pequenas.+Revista+Nova+Escola.+2005.+Dispon%C3%ADvel+em%3A+%3C+link+%3E.+Acesso+em%3A+16+jan.+2020>>. Acesso em: 16 jan. 2020.

- FOUCAULT, M. **A História da loucura na idade clássica (1961)**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- LA TAILLE, Yves de. **Limites: três dimensões educacionais**. 2 ed., São Paulo: Ática, 1999.
- LEITE, Sérgio Antônio da Silva. Afetividade e práticas pedagógicas. In: _____. **Afetividade e práticas pedagógicas**. 1ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- LUCINDA, Elisa. **O semelhante**. São Paulo: Record, 2001.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação**. São Paulo, Cortez, 2003.
- MACCARINI, Justina Motter. **Fundamentos e metodologias do ensino de matemática**. Curitiba: Fael, 2010.
- MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (Org.). In: _____. **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo, Brasil: Edições Loyola, 2004.
- MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. Psicologia da Educação [online], São Paulo, nº 20, 1º sem. de 2005, p. 11-30. Disponível em: <[MITYKO, M. G. N. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 2003.

MONROE, Paul. **História da Educação**. Do original inglês A Brief Course in the History of Education. Tradução de Nelson Cunha de Azevedo. 1ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

NUNES, Ana Ignez Belém Lima. **Psicologia da Aprendizagem: Processos teorias e contextos**. Brasília: Liber livro, 2009.

ODÁLIA, N. **O que é violência**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

OLIVEIRA, M. K. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva Vygotskyana. In: AQUINO, J. G. \(Org.\) **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus; 1996.](https://www.google.com/search?q=MAHONEY%2C+Abigail+Alvarenga%3B+ALMEIDA%2C+Laurinda+Ramalho+de.+Afetividade+e+processo+ensino-aprendizagem%3A+contribui%C3%A7%C3%B5es+de+Henri+Wallon.+Psicologia+da+Educa%C3%A7%C3%A3o+%5Bonline%5D%2C+S%C3%A3o+Paulo%2C+n%C2%BA+20%2C+1%C2%BA+sem.+de+2005%2C+p.+11-30.+Dispon%C3%ADvel+em%3A+%3C+link+%3E.+Acesso+em%3A+20+de+set+de+2020>)

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky - aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione; 1993.

OLIVEIRA, R. P. **'Tudo é arriscado'**: a representação do trabalho entre trabalhadores informais da construção civil. 2004. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002. Disponível em: <[https://www.google.com/search?q=OLIVEIRA%2C+R.+P.+%27Tudo+%C3%A9+arriscado%27%3A+a+representa%C3%A7%C3%A3o+do+trabalho+entre+trabalhadore s+informais+da+constru%C3%A7%C3%A3o+civil.+2004.+Disserta%C3%A7%C3%A 3o+\(Mestrado+em+Sa%C3%BAde+Coletiva\)+ +Universidade+Federal+da+Bahia%2C+Salvador%2C+2002](https://www.google.com/search?q=OLIVEIRA%2C+R.+P.+%27Tudo+%C3%A9+arriscado%27%3A+a+representa%C3%A7%C3%A3o+do+trabalho+entre+trabalhadore s+informais+da+constru%C3%A7%C3%A3o+civil.+2004.+Disserta%C3%A7%C3%A 3o+(Mestrado+em+Sa%C3%BAde+Coletiva)+ +Universidade+Federal+da+Bahia%2C+Salvador%2C+2002)>. Acesso em: 29 ago. 2020.

RATHVON, N. An MMPI-2 portrait of narcissism. **Journal of Personality Assessment**, 1996. Disponível em: <<https://www.google.com/search?q=RATHVON%2C+N.+An+MMPI-2+portrait+of+narcissism.+Journal+of+Personality+Assessment%2C+1996><link>. Acesso em: 29 set. 2020.

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Vozes; 1995.

REGO, A. **Liderança nas organizações: teoria e prática**. Aveiro: Universidade de Aveiro, 1997.

REGO, A. Comportamentos de cidadania organizacional: factor de competitividade e/ou engenharia social? In: _____. **Competitividade através das pessoas**. Lisboa: RH Editora, p. 7-23, 1998.

ROQUE, Walkiria. **Piaget, Vygotsky e Wallon: tripé teórico da educação**. 20 nov. 2010. Disponível em: <<http://walkiriaroque.wordpress.com/2010/11/20/piaget-vygotsky-e-wallon-tripe-teorico-da-educacao-2/>>. Acesso em: 10 out. 2019.

ROSENTHAL, R.; JACOBSON, L. **Pygmalion in the Classroom**. New York: Holt, Rinehart e Winston, 1968. Disponível em: <<https://www.google.com/search?q=ROSENTHAL%2C+R.+%3B+JACOBSON%2C+L.+Pygmalion+in+the+Classroom.+New+York%3A+Holt%2C+Rinehart+e+Winston%2C+1968>>. Acesso em: 10 set. 2020.

SALLA, Fernanda. **O Conceito de afetividade de Henry Wallon**. São Paulo, Brasil: Edições Loyola, 2011.

SANTOS, B. S. **A crítica da razão indolente – Contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez.2002.

SANTOS, M. A.; BOTELHO, L. **Caracterização da clientela de adolescentes e adultos de uma clínica-escola de Psicologia**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 9 (1), 123-144, 1997.

SANTOS, B. S. **Democratizar a democracia – Os caminhos da democracia participativa**. Porto: Afrontamento, 1997.

SILVA, M. da. **Metáforas e entrelinhas da profissão docente**. São Paulo: Pioneira, 2004

SOUZA, A. R. **Escola da Terra Capixaba Na Bacia do Rio Doce**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufes.br/handle/10/11136>>. Acesso em: 30 mar. 2020.

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa**. São Paulo: Gente, 1996.

TIBA, Içami. **Quem ama educa! Formando cidadãos éticos**. São Paulo: Itegrare, 2013.

TIBA, Içami. **Pais e educadores de alta performance**. São Paulo: Itegrare, 1993.

TULESKI, Silvana C. et al. **Voltando o olhar para o professor: a psicologia e pedagogia caminhando juntas**. Ver. Dep. Psicol., UFF, Jun, 2005, vol. 17, n.01, p. 129-137. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rdpsi/v17n1/v17n1a10.pdf>>. Acesso em: 29 jul. 2020.

UNESCO. **Patrimônio imaterial: política e instrumentos de identificação, documentação e salvaguarda**. Brasília, 2008.

VASCONCELLOS, C. S. **Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político pedagógico**. 9 ed. São Paulo: Libertad, 2000.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VYGOTSKY, L. S. **O desenvolvimento psicológico da infância**. São Paulo, Martins Fontes, 1987.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia Pedagógica**. Tradução de: Paulo Bezerra. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1968.

WALLON, H. **Do ato ao pensamento**. Lisboa: Moraes Editores, 1978.

WALLON, H. **Psicologia da Educação e da Infância**. Lisboa, Portugal: Editorial Estampa, 1975.

WALLON, H. **As Origens do Caráter na Criança**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971.

WALLON, H. (1954). Os meios, os grupos e a psicogênese da criança. In: WEREBE, M. J. G.; NADEL-BRULFERT, J. (org). **Henri Wallon**. São Paulo: Ática, 1986.

WALLON, H. **As origens do caráter**. São Paulo: Nova Alexandria, 1988.

ZACHARIAS, Vera Lúcia Camara F. **Vygotsky e a Educação**. 2005. Disponível em: <<http://www.centrorefeducacional.pro.br/vygotsky.html>>. Acesso em: 23 out. 2019.

ZACHARIAS, Vera Lúcia Camara F. **O Jogo Simbólico**. 2007. Disponível em <www.centrorefeducacional.com.br/jogosim.htm>. Acesso em: 08 ago. 2020.

ZACHARIAS, Vera Lúcia Camara F. **A Educação Pré-Escolar para Crianças com Necessidades Especiais**. 2012. <<http://www.centrorefeducacional.com.br/edunespc.html>>. Acesso em: 08 out. 2020.